



Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN
Programa de Mestrado Profissional em Letras



ProfLetras
Unidade Pau dos Ferros

Luzia Kalene Fernandes

**O USO DA LITERATURA DE CORDEL NO ENSINO FUNDAMENTAL (ANOS
FINAIS): PROPOSTA DE MATERIAL DIDÁTICO**

**Pau dos Ferros
2016**

Luzia Kalene Fernandes

**O USO DA LITERATURA DE CORDEL NO ENSINO FUNDAMENTAL (ANOS
FINAIS): PROPOSTA DE MATERIAL DIDÁTICO**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) Campus Avançado Maria Elisa de Albuquerque Maia (CAMEAM), como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof.^aDr.^a. Maria Edileuza da Costa

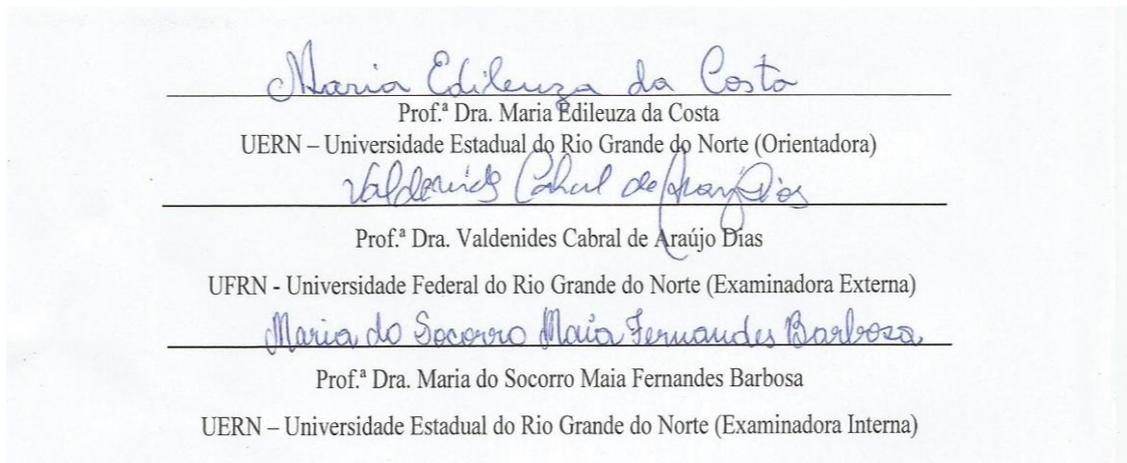
**Pau dos Ferros
2016**

Luzia Kalene Fernandes

**O USO DA LITERATURA DE CORDEL NO ENSINO FUNDAMENTAL (ANOS
FINAIS): PROPOSTA DE MATERIAL DIDÁTICO**

Aprovado em: 20/04/2016.

BANCA EXAMINADORA



Dedico este trabalho aos educadores, em especial aos que lecionam Língua Portuguesa, que buscam cotidianamente aprender. Aprender com o intuito de melhorar sua prática, na esperança de contribuir para um país melhor. Porque somente através da Educação, podemos formar cidadãos capazes de ajudar na transformação de uma sociedade mais justa e igualitária.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pois tudo que sou e tudo que tenho é porque Ele me permite.

A meus pais: JULIMAR DILGENIR FERNANDES, que sempre me presenteou com seus versos e glosas, bem como adora recitar poemas, me fazendo, desde cedo, sentir gosto pela Literatura de Cordel; e **BENTA EUFRASIO FERNANDES**, porque, mesmo só tendo o Ensino Fundamental menor, estimulou todos os filhos a estudarem e conseguirem seus objetivos, que muitas vezes, também eram os dela.

A meu esposo MARINALDO PEREIRA DA SILVA por ter me incentivado, desde fazer a inscrição no processo do Mestrado, até nos trabalhos, quando se preocupava se eu tinha concluído esta ou aquela tarefa. Além de ter tido paciência para me acompanhar (indo comigo a Pau dos Ferros), desde o dia da prova; e depois, sendo meu motorista, companheiro e ouvindo minhas angústias.

Aos meus irmãos: FÁTIMA FERNANDES, PAULA FRASSINETE, ARETUZA FERNANDES, MARJULI FERNANDES, MARLIENE FERNANDES e LIMA NETO, pois todos, de um modo ou de outro, mesmo sem perceberem, me ajudaram nessa caminhada.

A meu filho: KAIO MIGUEL, por estar presente em todos os momentos do curso, pois descobri minha gravidez no mesmo mês que iniciou o Mestrado. Além disso, com sua ingenuidade e inocência, me ajudou a amadurecer e conhecer o quão gratificante é ser MÃE.

À minha orientadora, Prof. Dr^a. MARIA EDILEUZA COSTA, pela compreensão, dedicação e seriedade durante todo o desenvolvimento dessa pesquisa.

A meus colegas de curso, em especial a Aíla Kelma (companheira de viagem e de todos os trabalhos), Socorro Dias, Socorro Oliveira e Ana Maria, por terem me ajudado em alguns momentos, pela diversão durante os almoços, jantares divertidos e todas as etapas do curso.

A **Edneudo Cavalcante**, secretário do curso, pela paciência e orientação. Sempre informado e solícito, nos ajudando nessa trajetória.

A **minha sobrinha Plycia Fernandes**, por ter me ajudado, sempre que eu precisava, nas questões referentes à informática, destravando-me desse universo, que muitas vezes me esbarrava.

A **minha cunhada Maria Geane** e demais familiares, por me ajudarem com Kaio Miguel, e de certo modo, contribuírem para a realização da minha pesquisa.

A **todos os professores do PROFLETRAS**, pelos conhecimentos adquiridos durante as disciplinas cursadas. Em especial a Professora Socorro Maia, exemplo de inteligência, simplicidade e capacidade de transmissão de conhecimentos.

Aos **meus alunos** que me inspiram a buscar novos conhecimentos.

Aos **meus amigos** que acreditam em mim, dando-me forças e por estarem sempre na torcida.

A **CAPES**, pelo apoio financeiro, indispensável para a realização dessa pesquisa.

Ensinar é um exercício de imortalidade.
De alguma forma continuamos a viver
naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela
magia da nossa palavra.
O professor, assim, não morre jamais...

Rubem Alves

RESUMO

Esta dissertação investiga o uso da literatura de cordel nas séries do Ensino Fundamental II da Escola Estadual Professor Lourenço Gurgel de Oliveira. Tem como objetivo, identificar e analisar as estratégias utilizadas na escola para o ensino desta literatura, a fim de se produzir um caderno com sugestões de atividades para serem aplicadas durante o ano letivo. Interessa refletir sobre literatura e ensino postos em prática no cotidiano da escola, observando o que há por trás das produções textuais, não só no que diz respeito ao texto em si, mas com relação às vozes que ele traz consigo; estimular a percepção das relações dialógicas existentes entre a literatura de cordel e o ensino de Língua Portuguesa na escola e fora dela; bem como motivar os alunos a assumirem uma postura de valorização da cultura nordestina, alertando-os de que não existe uma língua certa ou errada. Como fundamentação teórica deste estudo, tomamos por base: **Acorda Cordel na Sala de Aula**, (Editora Queima-Bucha, 2010), de Arievaldo Viana; **Lições de Gramática em versos de cordel** de Janduhi Dantas (Editora Vozes, 2012); como também **O Cordel no cotidiano escolar**, de Hélder Pinheiro e Ana Cristina Marinho (São Paulo, Livraria Duas Cidades, 2012), dentre outros autores. O Corpus selecionado compreende o uso da literatura de cordel para esta etapa de ensino. A partir da análise do PPP da Escola, da coleção adotada na disciplina de Língua Portuguesa, bem como de questionários aplicados aos alunos do sexto ao nono anos do turno matutino do Ensino Fundamental II, pudemos conhecer um pouco mais sobre o uso da literatura de cordel na Escola e qual a importância dada pelos alunos a essa literatura. No intuito de contribuir para ampliação e o modo como a literatura de cordel é vista pelos alunos, apresentamos e desenvolvemos uma proposta de estudo intitulada: **O uso da literatura de cordel no Ensino Fundamental (anos finais): Proposta de material didático**. Diante dessa pesquisa, os alunos tiveram acesso a vários textos em cordel, ampliando seu repertório de leitura e desenvolvendo o prazer de ler e viajar através dos textos.

Palavras-chave: Literatura de cordel. Literatura e ensino. Ensino de Língua Portuguesa.

ABSTRACT

This paper investigates the use of chap-book on grades of elementary school II of Professor Lourenço Gurgel de Oliveira State School. It aims to identify and analyze the strategies used at school for the teaching of literature in order to produce a notebook with suggestions for activities to be implemented during the school year. Interests reflect on literature and teaching implemented in primary education schools, looking at what's behind the textual productions, not only with regard to the text itself, but with respect to the voices it brings; stimulate the perceptions of the dialogical relations between the literature of twine and the Portuguese-speaking education in school and beyond; as well as motivate students to take an appreciation of posture of northeastern culture, alerting them that there is no right or wrong language. As theoretical basis of this study, we based on: **Acorda Cordel na Sala de Aula**, (Queima-Bucha publishing company, 2010), of Arievaldo Viana; **Lições de Gramática em versos de cordel** of Janduhi Dantas (Vozes publishing company, 2012); as well **O Cordel no cotidiano escolar**, of Hélder Pinheiro and Ana Cristina Marinho (São Paulo, Duas Cidades Bookstore, 2012) among other authors. The selected Corpus comprises the use of chap-book for this educational stage. From the analysis of the School PPP, the adopted collection in the discipline of Portuguese Language and questionnaires given to students from sixth to ninth levels of the morning shift of elementary school II, we know a little more about the use of chap-book in the School and the importance given by students to this literature. In order to contribute to the expansion and how the chap-book is seen by the students, present and develop a proposal for a study entitled: The use of chap-book in elementary school (final grades): Proposal of educational material. Faced with this proposal, students have access to various texts on line, expanding their repertoire of reading and developing the pleasure of reading and traveling through the texts.

Keywords: Chap-book. Literature and education. Portuguese Language. Teaching.

SUMÁRIO

I INTRODUÇÃO.....	11
II ASPECTOS TEÓRICOS.....	17
2.1 Origem da Literatura de Cordel	17
2.2 Temáticas da Literatura de cordel.....	21
2.3 Cordel: da feira à sala de aula	26
2.4 Para quem e para quê o cordel é indicado?.....	28
III ASPECTOS METODOLÓGICOS	30
3.1 Situando o estudo: o contexto da pesquisa	30
3.2 Etapas da pesquisa	30
3.3 O desenho da pesquisa	31
3.4 Análise do questionário aplicado aos alunos do Ensino Fundamental II	40
IV PROPOSTA DE TRABALHO COM A LITERATURA DE CORDEL	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	72
REFERÊNCIAS	76
ANEXOS	78

I INTRODUÇÃO

Considerando a importância de práticas leitoras que incentivem a aproximação entre o educando e a literatura de cordel e percebendo que existem entraves que dificultam esse exercício, sentimos a necessidade de desenvolver este estudo na área de Linguagens e Letramento, apresentando uma proposta de material didático que estimule, no aluno, a percepção das relações dialógicas existentes entre a literatura de cordel e o ensino de Língua Portuguesa na escola.

Como professores de língua materna, somos conscientes da limitação desse ensino em nossas escolas. Além disso, há uma deficiência muito grande no que se refere às metodologias aplicadas, pois essas limitam o aluno à ludicidade (jogo com as palavras e sons), à estereotipação de personagens (pela forma como “falam”) e à identificação de ideias centrais do texto, tornando o ensino da literatura de cordel algo mecânico e sem prazer.

Tendo em vista tal problemática, tomamos como base para nossa proposição de estudo o Projeto Político Pedagógico (PPP), a coleção Português – Projeto Teláris da Editora Ática, bem como um questionário aplicado aos alunos do Ensino Fundamental II (6º, 7º, 8º, 9º anos do turno Matutino) da Escola Estadual Professor Lourenço Gurgel de Oliveira, Caraúbas/RN; a fim de se verificar como a literatura de cordel tem sido abordada (pelos dois primeiros) e captada pelos alunos das turmas citadas.

Embasados nos documentos acima citados, este trabalho teve como objetivo geral analisar o PPP da Escola Lourenço Gurgel, bem como a coleção adotada na disciplina de Língua Portuguesa, com a finalidade de se verificar o procedimento pedagógico utilizado no trabalho com a literatura de cordel, para em seguida, se fazer uma produção de material didático a ser utilizado como ferramenta nas aulas de Língua Portuguesa, no Ensino Fundamental II (6º, 7º, 8º, 9º anos do turno Matutino) da referida Escola.

Para o desenvolvimento desse trabalho, além da análise dos documentos supracitados, nos baseamos nos seguintes livros: **Acorda Cordel na Sala de Aula**, (Editora Queima-Bucha, 2010), de Arievaldo Viana; **Lições de Gramática em versos de cordel** de Janduhi Dantas (Editora Vozes, 2012); como também **O Cordel no cotidiano escolar**, de Hélder Pinheiro e Ana Cristina Marinho (São Paulo, Livraria Duas Cidades, 2012).

Como objetivos específicos, buscamos: a) refletir sobre literatura e ensino postos em prática no cotidiano das escolas, observando o que há por trás das produções textuais, não só no que diz respeito ao texto em si, mas com relação às vozes que ele

traz consigo; b) estimular a percepção das relações dialógicas existentes entre a literatura de cordel e o ensino de Língua Portuguesa na escola e fora dela; c) motivar os alunos a assumirem uma postura de valorização da cultura nordestina, alertando-os de que não existe uma língua certa ou errada.

Desse modo, o trabalho intitulado **O uso da literatura de cordel no Ensino Fundamental (anos finais): Proposta de material didático** classifica-se como uma pesquisa exploratória, em princípio, visto que através de questionários, conversas, produções e aplicações de alguns materiais produzidos, tentamos compreender os motivos que contribuem, de certo modo, com o fato de o aluno gostar ou não da literatura de cordel; e, analisando o PPP, bem como o livro didático, identificamos como esses trabalham a referida literatura na escola.

A produção do material didático deu-se por meio de oficinas, de modo que a pesquisadora assumisse papel atuante, desenvolvendo junto aos alunos colaboradores, uma experiência literária explorando as relações dialógicas entre a literatura de cordel e o ensino de Língua Portuguesa na sala de aula, bem como fora dela.

Observando os objetivos dos Parâmetros Curriculares Nacionais para a disciplina Língua Portuguesa no Ensino Fundamental (1998, p.7), constata-se que o terceiro e o quarto objetivo do documento corroboram a relevância do presente trabalho:

- Conhecer características fundamentais do Brasil nas dimensões sociais, materiais e culturais como meio para construir progressivamente a noção de identidade nacional e pessoal e o sentimento de pertinência ao país;
- Conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1998) sugerem que o ensino deve ser interdisciplinar e contextualizado, voltado para o exercício da cidadania, no qual o aluno seja efetivamente protagonista do processo de aprendizagem. Assim sendo, vemos na Literatura de Cordel uma forte ferramenta para se conseguir esse propósito dos PCN, pois essa literatura traz em seus folhetos histórias fantásticas, comédias, romances entre

outros, que podem ser trabalhados nas mais diversas áreas do conhecimento. Nesse sentido, conciliando a ideia de literatura como forma de conhecimento, Régis (2007, p. 5) afirma que:

A literatura tem a generosidade de acolher todos os saberes, oferecendo-nos o roteiro da constância humana em sua busca de conhecimento. [...] A qualquer momento podemos apreciar a grandeza e a falência dos sonhos humanos guardados na memória da literatura.

Além disso, o cordel traz marcas diferentes das demais literaturas: sua estrutura não contém muitas páginas; o tamanho dos livros, normalmente não ultrapassa o da palma da mão e encontram-se a venda em lugares como: feiras livres e exposições; abordam vários aspectos: rima, musicalidade, lirismo, simplicidade vocabular, e temas do cotidiano; além de trazerem uma linguagem simples, próxima da utilizada pelos alunos no dia a dia. Sendo assim, trabalhar o gênero cordel é dar ao aluno uma oportunidade de contato com a experiência cultural que emana desta literatura e toda sua riqueza expressiva, quanto à articulação de várias linguagens – verbal oral, verbal escrita, musical e visual.

Hélder Pinheiro e Ana Cristina Marinho, que também são pedagogos, ressaltam:

Quando levamos os folhetos para a sala de aula, lemos e conversamos sobre as narrativas e a literatura de cordel em geral; nos dias seguintes muitos alunos nos trazem folhetos para mostrar, contam histórias de cantadores, de emboladores, enfim, falam de sua experiência com a literatura popular. Esse clima de receptividade no espaço escolar necessita ser melhor trabalhado...¹

Partindo dessa realidade, faz-se necessário analisar e investigar as causas do “quase não uso” da literatura de cordel no ensino fundamental II, e fazermos pesquisas no intuito de tentar modificar essa realidade; contribuindo assim, para melhorar, de certa forma, a prática dos educadores da linguagem e ajudar na melhoria da qualidade do ensino da língua.

Desse modo, lançamos um questionário, a fim de verificar o gosto dos nossos alunos pela leitura (no geral) e depois pela literatura de cordel. Além disso, questionamos se eles têm o hábito de ler cordéis e se o livro didático costuma trazer essa literatura.

¹ (<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage>).

Além disso, fizemos uma investigação na história da literatura de cordel, para se descobrir fatos e acontecimentos que norteiem nossos alunos/leitores e nos deem base para responder nossos questionamentos. Discorremos sobre a literatura de cordel desde sua origem no Brasil até os dias atuais. Salientamos aqui, que a teoria defendida para o surgimento da nossa Literatura de cordel é que ela é um produto genuíno (e não, como alguns pregam ser de origem portuguesa). Falamos sobre as temáticas mais abordadas no cordel (temas educativos ou de esclarecimento público, biografias, histórias do ciclo do cangaço, dentre outros); como forma de mostrar que a literatura de cordel é rica e multidisciplinar – por abordar assuntos das mais diversas áreas do conhecimento. Mostramos o caminho percorrido para a divulgação dos livros de cordel (antes tinham um lugar de prestígio nas feiras livres e hoje estão espalhados em vários lugares); sendo que os professores podem fazer da sala de aula ambiente de divulgação de cultura e transmissão de conhecimento, visto que os cordéis podem ser um recurso pedagógico essencial ao desenvolvimento da leitura. Abordamos para quem (crianças, jovens, idosos) o cordel é indicado; além de mostrarmos alguns exemplos de pessoas que foram alfabetizadas e/ou motivadas pelo gosto da leitura através do cordel. Como afirma o poeta Arievaldo Viana em sua Obra **Acorda Cordel em Sala de Aula** (2010, p.15):

Lembro-me que assim que me entendi por gente, acompanhava com grande interesse a leitura de folhetos e romances de cordel. Minha avó Alzira possuía uma maleta cheia de “versos” e fazia a leitura dos mesmos em voz alta, para deleite de crianças e adultos.

Além disso, apresentamos algumas sugestões de trabalhar conteúdos da Língua Portuguesa usando o cordel. Para tanto, nos embasamos, dentre outros, no Livro **Lições de Gramática em versos de cordel** (Editora Vozes, 2012). Nele, o próprio autor já nos explica ainda na introdução, que para ajudar seus filhos no estudo da gramática, ele teve a ideia de utilizar o cordel. Dessa forma organizou várias estrofes sobre conteúdos com: fonologia, ortografia, sintaxe, dentre outros.

Discutimos também sobre como o livro didático da disciplina Língua Portuguesa adotado na Escola Lourenço Gurgel (que por sinal, é o mesmo adotado nas outras escolas estaduais e municipais) abordam essa literatura e sugeriremos formas de como trabalhá-la, de modo a não reduzi-la apenas a uma ferramenta utilizada como pretexto para introdução de conteúdos gramaticais, pois segundo Cosson (2009, p. 23),

o certo é que a literatura não está sendo ensinada para garantir a função essencial de construir e reconstruir a palavra que nos humaniza. Em primeiro lugar porque falta um objetivo próprio de ensino. Os que se prendem aos programas curriculares escritos a partir da história da literatura precisam vencer uma noção conteudística do ensino para compreender que, mais que um conhecimento literário, o que se pode trazer ao aluno é uma experiência de leitura a ser compartilhada.

Uma vez que, entendemos ainda que a presença da Literatura de Cordel em sala de aula implica refletir entre outras coisas, sobre literatura e ensino postos em prática no cotidiano das escolas. Seria propor uma forma de estimular os alunos a enxergarem o que há por trás das produções textuais, não só no que diz respeito ao texto em si, mas com relação às vozes que ele traz consigo. Vozes essas capazes de expressar questões morais, políticas, sociais, econômicas e culturais.

Em se tratando de metodologia, a qual classificamos como uma pesquisa exploratória bibliográfica de natureza quantitativa e qualitativa, entendendo por quantitativa a coleta dos dados através de entrevistas, questionários e por qualitativa, o estudo crítico – interpretativo tentando penetrar no núcleo da explicação dos objetos literários. Aqui também, apresentamos um caderno com sugestões de atividades para serem desenvolvidas durante o ano letivo, bem como deixamos para a Escola alguns conteúdos gramaticais apresentados por cordelistas em forma de versos para auxiliar os professores nas aulas de Língua Portuguesa.

Nosso estudo desenvolveu-se em três capítulos. No Capítulo introdutório, apresentamos uma síntese do que desenvolvemos ao longo de nossa pesquisa; No Capítulo II discorremos sobre os aspectos teóricos. Aqui abordamos a Origem da Literatura de Cordel, as temáticas mais retratadas pelos autores, bem como o caminho percorrido pelo cordel: da feira (antes era o ambiente de exposição e venda do mesmo) até chegar à sala de aula. Além disso, ainda discorremos um pouco sobre para quem o cordel é indicado. Além de mostrar depoimentos de pessoas que foram alfabetizadas e/ou estimuladas pelo gosto da leitura através do cordel.

No Capítulo III mostramos os aspectos metodológicos de nosso trabalho. Primeiro situando o estudo, mostrando o contexto da pesquisa (porque foi feita); em seguida fazendo uma breve descrição da mesma (etapas para a elaboração); passando pela Constituição do *Corpus* (caderno com sugestões de atividades) até chegar ao desenho da pesquisa (local e participantes da mesma).

No Capítulo IV apresentamos nossa proposta de trabalho com a literatura de cordel. Aqui são mostradas algumas sugestões de atividades para serem desenvolvidas nas aulas de Língua Portuguesa, Ensino Fundamental (séries finais). Tais sugestões são embasadas nas obras: **Acorda Cordel na Sala de Aula**, (Editora Queima-Bucha, 2010), de Arievaldo Viana; **Lições de Gramática em versos de cordel** de Janduhi Dantas (Editora Vozes, 2012); como também **O Cordel no cotidiano escolar**, de Hélder Pinheiro e Ana Cristina Marinho (São Paulo, Livraria Duas Cidades, 2012).

Nas considerações finais arrematamos alguns pensamentos que foram se formando ao longo da pesquisa e aplicação e apontamos alguns caminhos para a melhoria do ensino fundamental II, a partir da aplicação do cordel em sala de aula.

II ASPECTOS TEÓRICOS

2.1 Origem da Literatura de Cordel

Quando ainda não havia²
O rádio e a televisão
E os jornais não chegavam
Pra toda população
O folheto de CORDEL
Era o JORNAL DO SERTÃO

Lendo folhetos, então
O nosso povo sabia
Lenda de rei e princesa
E fato que acontecia...
Por ser cultura do povo
Inda resiste hoje em dia.

Para melhor respaldar nosso trabalho, este capítulo será dedicado à parte teórica. Falaremos sobre a origem da literatura de cordel, algumas temáticas utilizadas pelos cordelistas e suas características. Analisaremos ainda se existe uma faixa etária adequada para a indicação dos cordéis.

A prática de contar histórias é antiga. Há vários anos, aprendemos cantigas e versos por ter escutado alguém nos contar, sem nunca ou quase nunca nos questionarmos quem de verdade é o autor daquilo que reproduzimos. Desse modo, quando adquirimos certa experiência, costumamos fazer o mesmo: ensinar para outros àquilo que aprendemos pela tradição oral e assim sucessivamente.

Olhando por esse aspecto, podemos afirmar que a Literatura de cordel traz marcas que, de certa forma, corroboram com as ideias do filósofo Walter Benjamim (1993), quando este destaca a importância da experiência enquanto fonte de sabedoria. Pois se observarmos, o que move tal literatura é exatamente a experiência que seus poetas

²As estrofes são da autoria de Arievaldo Viana e estão no CD do projeto ACORDA CORDEL NA SALA DE AULA, na voz dos cantadores Geraldo Amâncio e Zé Maria de Fortaleza.

adquirem ao longo de sua vida/profissão, a fim de representar seu povo com seus versos e poemas.

Historicamente, durante muito tempo, propagou-se a ideia de que a Literatura de cordel havia surgido no século XVI, quando o Renascimento passou a popularizar a impressão dos relatos que pela tradição eram feitos oralmente pelos trovadores. Segundo se afirmava nessa teoria, a tradição desse tipo de publicação veio da Europa.

Em Portugal, esses livros ganharam várias denominações como: folhetos, folhas volantes, literatura de cegos e finalmente cordel. A primeira definição - folhas volantes - se deve ao fato de muitas vezes o poeta imprimir uma obra pequena, de poucas páginas ou até mesmo um poema curto, e então o fazia em folhas soltas. Recebeu ainda o nome de literatura de cegos, porque durante algum tempo vigorou uma lei que somente os cegos poderiam vender esses folhetos em praças públicas e em feiras; essa medida foi resultado de uma reivindicação feita pela irmandade do Menino Jesus dos Cegos de Lisboa. E por fim, chegou ao nome cordel, porque os folhetos eram expostos à venda e pendurados em barbantes ou cordão, palavra que em provençal se traduz como cordel, a qual acabou se generalizando tanto em Portugal como no Brasil.

A origem do nome "Literatura de Cordel" estaria assim associada à impressão precária dos folhetos que eram expostos à venda pendurados em varais de barbante. O nome veio assim de Portugal, onde esse tipo de folheto de literatura popular também era produzido. Também podiam ser encontrados em países como: Espanha, França, Itália e Alemanha.

Não podemos esquecer também que a arte popular de Espanha e Portugal recebeu influência ainda dos árabes. Existiam seguidores do Islã, que eram poetas cantadores, os quais se apresentavam em praças públicas e eram chamados de *medajs*. Estes cantavam velhos contos de origem asiática celebrando a memória e divulgando os feitos heroicos de seus guerreiros. Nesses cantos, os *medajs* eram sempre acompanhados de instrumentos como rabecas, alaúdes, adufes e castanholas.

Essas duas tradições de artistas populares: de um lado os jograis, menestréis e trovadores e, de outro, os *medajs*, podem ser considerados os ancestrais da nossa cultura popular, os quais corresponderiam atualmente aos nossos violeiros, repentistas e poetas populares.

Ainda segundo essa linha de raciocínio, foi no século XVIII que a literatura de cordel chegou a nosso país, instalando-se na Bahia e nos demais estados do Nordeste, onde encontrou um terreno fértil, visto que o nosso país possui uma diversidade étnica

muito grande: formada pela miscigenação do índio, do português e africano, os quais trouxeram contribuições bastante significativas para a nossa cultura e esse encontro não ocorreu de forma esporádica, mas de forma estável; houve tempo suficiente para a fusão de influências. Fatores também de formação social contribuíram para isso, de acordo com Batista (1977, p.4):

A organização da sociedade patriarcal, o surgimento de manifestações messiânicas, o aparecimento de bandos de cangaceiros ou bandidos, as secas periódicas provocando desequilíbrios econômicos e sociais, as lutas de família deram oportunidade, entre outros fatores, para que se verificasse o surgimento de grupos de cantadores como instrumentos do pensamento coletivo, das manifestações da memória popular.

Por volta de 1750, apareceram os primeiros poetas populares que narravam sagas em versos, visto que a maioria desse povo, sequer sabia ler e as histórias eram decoradas e recitadas nas feiras ou nas praças. Às vezes, acompanhadas por música de violas. Portanto, surgiu também no Brasil, como literatura oral, característica fundamental da cultura popular. Durante o início da colonização, os portugueses a trouxeram e aos poucos ela começou a se tornar popular.

A origem dessa literatura está vinculada assim, às cantorias nordestinas, especialmente ao grupo de Teixeira, na Paraíba, e que ela surge a partir de modificações introduzidas nas cantorias. Segundo Sebastião Nunes Batista (1977, p. 23), os primeiros poemas escritos, principalmente histórias de bois como *O Rabicho da Geralda*, *O Boi Espaço*, *Boi Surubim*, *Vaca do Burel*, circulavam em cópias manuscritas. Igualmente em cópias manuscritas, foram registrados os poemas de cantadores famosos como Agostinho Nunes da Costa, Nicandro Nunes, Ugolino Nunes da Costa, Francisco Romano entre outros. Átila Almeida (1978) atribui a Silvino Pirauá as mudanças na cantoria que consistiam em substituir a quadra pela sextilha e a ideia de rimar histórias tradicionais. Já Câmara Cascudo (1979) afirma que Silvino Pirauá foi o iniciador do romance em verso com *A História de Zezinho e Mariquinha* e *A História do Capitão do Navio*. Por tudo isso, Silvino Pirauá de Lima assume também um papel relevante no início da literatura de cordel, embora ainda existam muitas dúvidas sobre a autoria da *História do Capitão do Navio*. São, portanto, Leandro Gomes de Barros e Silvino Pirauá de Lima os nomes mais citados quando se trata das origens da literatura popular impressa no Brasil.

Hoje muitos autores defendem que a nossa literatura de cordel é genuína. Para Arievaldo Viana (2008),

A Literatura de cordel, no Brasil, como a conhecemos, surgiu na Paraíba, há mais de cem anos. Leandro Gomes de Barros (1865-1918) deu o impulso inicial e, ainda hoje, é considerado o maior autor do gênero. Poeta de muitos recursos, Leandro adaptou para o Cordel desde lendas sertanejas até histórias das Mil e uma noites. Definiu, assim, o caminho que outros poetas trilhariam.

Além de defenderem a autenticidade de nossa literatura, muitos autores se preocupam em estabelecer algumas diferenças existentes entre os folhetos portugueses e os brasileiros. Segundo Márcia Abreu, a literatura de cordel portuguesa “(...) abarca autos, pequenas novelas, farsas, contos fantásticos, moralizantes, histórias, peças teatrais, hagiografias, sátiras, notícias... além de poder ser escrita em verso sob a forma de peça teatral” (ABREU, 1999, P.21).

Associado a isso, os cordéis portugueses, diferentemente dos folhetos brasileiros, eram escritos e lidos por pessoas que pertenciam às camadas médias da população: advogados, professores, militares, padres, médicos, funcionários públicos, entre outros.

Rodolfo Coelho Cavalcante (1984), no folheto Origem da literatura de cordel e sua expressão de cultura nas letras de nosso país, estabelece a diferença:

Na França, também Espanha
Era nas bancas vendida,
Que fosse em prosa ou em verso
Por ser a mais proferida
Com o seu preço popular
Poderia se encontrar
Nas esquinas da avenida.

No Brasil é diferente
O cordel-literatura
Tem que ser todo rimado
Com sua própria estrutura
Versificando em sextilhas
Ou senão em setilhas
Com a métrica mais pura.

Percebemos, desse modo, que entre os autores que versam sobre a literatura de cordel, não existe um consenso sobre a origem da mesma. Porém, para efeitos didáticos, optamos aqui, em nosso trabalho, por defender a ideia de uma literatura genuína, por essa ser um traço muito marcante da região Nordeste, feita pelo povo e para o povo.

2.2 Temáticas da Literatura de cordel

São muitos e variados os temas encontrados nos folhetos de cordel. Justamente por ter esse aspecto, é que seu uso em sala de aula, permite que seu estudo seja interdisciplinar. Régis (2007, p.15) reforça tal aspecto afirmando que:

a literatura, ao registrar os sonhos realizados, os não realizados e os por realizar da humanidade, permite a revisão da história e da ciência, pois a literatura é um saber em expansão e o lugar de entrecruzamento de todos os saberes.

A Literatura de Cordel traz à tona uma perspectiva de múltiplos olhares, que leva o aluno a atribuir sentido e construir significados em face do texto, atentando para as mais diversas problemáticas presentes na realidade circundante. Tudo isso contribui de forma significativa para que o discente assuma um papel ativo na construção social do conhecimento.

As classificações diferem entre si, segundo os critérios usados pelos folcloristas. No Brasil, destacam-se as de Cavalcanti Proença, Origenes Lessa, Ariano Suassuna, Roberto Câmara Benjamim, Manuel Diégues Jr. e Câmara Cascudo. Batista (1997, p.10), apresenta de forma simplificada os temas da Literatura de Cordel abordados por Cavalcanti Proença e Suassuna. A classificação fica assim estabelecida:

1. Temas Tradicionais: a) romances e novelas; b) contos maravilhosos; c) estórias de animais; d) anti-heróis: peripécias e diabruras; e) tradição religiosa; 2. Fatos circunstanciais ou acontecidos: a) de natureza física: enchentes, cheias, secas, terremotos, etc.; b) de repercussão social: festas, desportos, novelas, astronautas, etc.; c) cidade e vida urbana; d) crítica e sátira; e) elemento humano: figuras atuais e atualizadas (Getúlio, ciclo do fanatismo e misticismo, ciclo do cangaceirismo, etc.), tipos étnicos e tipos regionais, etc.; 3. Cantorias e pejejas. (fazer um resumo e falar sobre os dois).

Como não há um consenso na classificação, optamos por abordar aqui, os temas que foram mais citados pelos alunos no questionário. São eles:

* **Temas educativos ou de esclarecimento público** - Abordam assuntos importantes de forma educativa, com o intuito de incentivar a discussão desses temas em salas de aula. Entre eles estão: a preservação do meio ambiente, as DST's, a seca, o bullying, dentre outros. Usaremos como exemplo: um trecho de Bullying – Diga não ao preconceito!

Eu vou falar pra vocês
E a todos vou explicar
Sobre um tema muito sério
Que a todos pode afetar
É um assunto delicado
Chamado Bullying escolar.

O Bullying é um mal
Pra toda a sociedade
Que não existe somente
Na escola ou faculdade
Pode afetar qualquer um
Não importando a idade.
(Paulo Moura)

Abordar temas educativos ou de esclarecimento público é de fundamental importância para uma conscientização das pessoas em relação ao mundo em que vivemos. Sendo assim, torna-se pertinente, não só para o professor de língua materna, como também para os demais, enfatizar temas como os citados em nossas aulas, visto que, temos grande responsabilidade na formação cidadã de nossos alunos.

* **Biografias** - Histórias que homenageiam grandes nomes da cultura e do folclore nordestino como Luiz Gonzaga, Padre Cícero, Lampião, Patativa do Assaré, entre outros. Exemplo: trecho de Luiz Gonzaga (Biografia em cordel).

Peço licença aos poetas
Pra falar de um nordestino
O grande Luiz Gonzaga
Que cantar foi seu destino
Fez de sua “Asa Branca”
Para o nosso povo, um hino.

Todo nordestino sente
Orgulho deste senhor
Traduziu como ninguém
Do nordeste seu valor
Com a sanfona e seu gibão
Foi o nosso cantador.

Nascido no ano doze
Treze de dezembro o dia
Na Serra do Araripe
Teve festa e alegria
Na Fazenda Caiçara
Seu Januário sorria.
(Altair Leal)

Por serem histórias que homenageiam grandes nomes da cultura e do folclore nordestinos, tornam-se importantes, pois com elas, podemos fazer um resgate de figuras que, muitas vezes, foram importantes para a cidade e estão esquecidas na memória dos alunos. Desse modo, além de se conhecer melhor a vida de algumas personalidades regionais e locais, podemos fazer um momento interdisciplinar, visto que os professores de história e geografia também podem contribuir com esse tema.

* **História do ciclo do cangaço** - Retrata o dia a dia do cangaço, contando a história de seus protagonistas (Lampião, Corisco, Maria Bonita, as Volantes, etc.), com riqueza de detalhes. Exemplo: trecho de Entrada de Lampião em Mossoró.

Nisto deram-lhe outro tiro
Pôs Jararaca no chão,
Bandido de confiança,
Do grupo de Lampião;
Quando ele foi encontrado
Estava assim recostado
Bem perto da Estação.

Colchete levou um tiro
Porém não ficou mortal.
Caiu assim na calçada,
Junto ao muro do quintal,
Chegou um rapaz ligeiro,
Arrastou o cangaceiro,
Matando com um punhal.
(João Martins de Athayde)

Embora sendo um tipo de herói diferente, numa situação diferente, a história do ciclo do cangaço, do sertanejo valente, é de muita importância para a literatura de cordel. Há um número considerável de folhetos escritos, falando sobre esse tema. Sociólogos e cientistas políticos também demonstram interesse pelo tema, pois desperta uma questão polêmica: essas histórias refletem ou não uma realidade histórica e como a refletem. Uns afirmam que elas encerram uma reflexão de uma realidade de opressão de classes pelo sistema feudal que ainda prevalece no Nordeste; enquanto outros dizem que elas são apenas fruto da imaginação dos cordelistas, pois relatam situações que só se tornam possível, graças a imaginação e fantasia de quem a escreve.

* **Desafios e peijas entre grandes violeiros** - Peleja é um gênero poético popular dialogado, em que dois poetas compõem versos de improviso um contra o outro, caracterizando uma disputa verbal. Normalmente acompanhada de viola, a forma de composição da peleja se estrutura em estrofes de dez versos, ritmados como o martelo ou como o galope. Exemplo: trecho de A peleja de Cego Aderaldo com Zé Pretinho do Tucum.

Apreciem meus leitores
Uma forte discussão
que tive com Zé Pretinho
Um cantador do sertão
O qual no tanger do verso
Vencia qualquer questão

Um dia determinei
A sair do Quixadá
Uma das belas cidades
Do estado do Ceará
Fui até ao Piauí
Ver os cantores de lá

Hospedei-me em Pimenteira
Depois em Alagoinha
Cantei em Campo Maior
No Angico e na Baixinha
De lá tive um convite
Pra cantar na Varzinha
(Firmino Teixeira do Amaral)

O desafio é como uma batalha, só que travada em versos. Quando existem dois lados a serem defendidos, pode surgir uma peleja. O objetivo do desafio é desfazer-se do adversário, fazendo-o parecer derrotado, para demonstrar que o posicionamento defendido por um é o correto. Ao ouvir o ataque que lhe é dirigido, o adversário reage sempre em versos rimados, desfazendo as acusações e lançando sua própria artilharia poética. Quando os adversários são experientes e talentosos, ou quando a questão a ser defendida gera muita polêmica, um desafio chega a durar horas e horas.

* **Romances** – São narrativas cheias de aventuras e histórias fantasiosas. Trazem em seus enredos reinos misteriosos, guerreiros, princesas e criaturas fantásticas. E acabaram criando uma série de heróis populares, que vencem seus inimigos por meio da astúcia e da esperteza, como João Grilo, Pedro Malasartes, Camões, etc. Exemplo: trecho de As proezas de João Grilo.

João Grilo foi um cristão
Que nasceu antes do dia
Criou-se sem formosura
Mas tinha sabedoria
E morreu depois das horas
Pelas artes que fazia.

João Grilo chegou na corte
Cumprimentou o sultão
Disse: pronto, senhor rei
(deu-lhe um aperto de mão)
Com calma e maneira doce
O sultão admirou-se
Da sua disposição.
(João Ferreira de Lima)

Além dos temas citados, ainda é comum assuntos como: Folhetos jornalísticos que falam de notícias regionais ou nacionais de grande repercussão e interesse geral; bem como sátiras de cunho social ou sobre política e políticos.

De modo geral, o tema apresentado é sempre de interesse popular e a ilustração da capa em xilogravura, muitas vezes é feita pelos próprios poetas. Gravada em madeira, depois estampada à tinta no papel, a xilogravura é uma técnica chinesa que chegou ao Brasil, provavelmente, com a vinda da Família Real Portuguesa. Essa técnica é de suma importância, já que representa graficamente crenças, valores e tradições sertanejas. Para Medeiros (2002, p.23),

A adoção da xilogravura na imprensa nordestina, principalmente no interior, foi decorrência dos altos preços e dificuldades de aquisição das pedras calcárias importadas, imprescindíveis à boa reprodução litográfica, técnica mais comum para a produção de baralhos, rótulos de cigarros, de remédios e de aguardente. O processo mais moderno de reprodução de imagens em zincogravura era, à época, demasiadamente caro para o sertão.

Sendo assim, o estudo do cordel torna-se de fundamental importância, visto que preservar e divulgar as riquezas das tradições populares configura-se em um sentimento que deve ser exaltado por cada povo, como forma de garantir a sobrevivência e a plenitude de sua própria identidade. Devemos instigar nossos alunos a perceberem que o Nordeste brasileiro é destaque quando se trata do tema Cultura Popular e suas diversas formas de manifestações. Além de fazê-los perceber que os textos inventados pelos cordelistas têm grande importância no processo cultural nordestino, visto que potencializa a compreensão da realidade não só local, mas também mundial.

Para Jauss (1994, p. 25), a obra literária é “como uma partitura voltada para a ressonância sempre renovada da leitura, libertando o texto da matéria das palavras e conferindo-lhe existência atual.”. Compreende-se, portanto, que, em contato com a literatura, e especificando-se aqui o cordel, podemos ter acesso a inúmeras formas do conhecimento humano.

2.3 Cordel: da feira à sala de aula

Para Antunes (2009) “O professor precisa ser visto (inclusive pelas instituições competentes) como alguém que, com os alunos (e não para os alunos), pesquisa, observa, levanta hipóteses, analisa, reflete, descobre, aprende, reaprende.”. Desse modo, como profissionais que instigam o conhecimento, devemos buscar formas para despertar nos nossos alunos o interesse pelo conhecimento, porque a ideia de que o professor era o único detentor de saber está ultrapassada.

Sendo assim, se no seu início o cordel era vendido nas barracas das feiras livres, pendurados em cordões e recitados ou cantados pelos poetas violeiros para atrair os compradores, os professores podem hoje fazer da sala de aula esse ambiente de divulgação de cultura e transmissão de conhecimento, visto que os cordéis podem ser um recurso pedagógico essencial ao desenvolvimento da leitura. Além disso, devemos orientar os alunos a reconhecerem que a linguagem literária é um meio fundamental para a construção tanto de significados e conhecimentos quanto para a constituição da identidade do ser humano, já que o mundo exige mais criatividade, senso crítico e capacidade de interpretação não só de textos como também do mundo.

Na escola, o professor deve procurar trabalhar com uma diversidade de gêneros textuais tratando cada um de acordo com a sua finalidade. Além disso, as atividades com a leitura literária devem ser planejadas de acordo com as condições materiais de que o aluno dispõe fora da escola, ou seja, devem ser levadas em consideração as condições socioeconômicas do aluno. Segundo os PCN (1997, p. 71), “formar leitores é algo que requer condições favoráveis, não só em relação aos recursos materiais disponíveis, mas, principalmente, em relação ao uso que se faz deles nas práticas de leitura”. Salientamos aqui que os PCN, no que se refere ao cordel, centraliza-o apenas como texto oral.

O professor Veríssimo de Melo (apud VIANA, 2010, p. 8) defende que:

Outro papel importante exercido pela literatura de cordel diz respeito à sua função como auxiliar de alfabetização. Sabe-se que incontáveis nordestinos carentes de alfabetização aprenderam a ler por meio de folhetos. E, desta forma, cresce, gradativamente, o interesse de estudantes e educadores, em todo o Brasil, pela literatura de cordel para este fim e das muitas maneiras como o folheto pode ser utilizado em sala de aula.

Vendo desse modo, a literatura de cordel, cumpre também uma função social, pois através dela, pessoas que não tem acesso à escola e ou a livros didáticos, descobrem o gosto e até mesmo são alfabetizadas em alguns lugares desse país.

Vale salientar que, com o advento da tecnologia, a exposição em feiras e as leituras dos livretos de cordéis estão ficando esquecidos ou até mesmo abandonados. Desse modo, trazer o cordel para a sala de aula é, além de encontrar um recurso pedagógico, uma forma de contribuir para a melhoria do ensino e o incentivo a propagação da cultura brasileira.

Associado a isso e em decorrência da grande proporção que a cultura popular tem na sociedade, consideramos importante trabalhar em sala de aula a literatura de Cordel, já que é conhecida como patrimônio histórico e cultural do povo nordestino. É no ambiente escolar que encontramos a possibilidade de interagir com diferentes mídias na busca de novos desafios e sínteses. É notório que não podemos perder de vista o alvo principal desse processo: o aluno enquanto sujeito que ler, reflete, reescreve, atribui significados, troca informações e experiências. No ambiente escolar, o repertório do professor é considerado um recurso rico para trocas de experiências com o objetivo de aperfeiçoamento não só da prática docente, mas de todos os envolvidos. Diante disso, entendemos que é através da educação que as pessoas podem desenvolver habilidades específicas e ter atitudes coerentes para a realização pessoal e social.

A falta de sensibilização e de reflexão sobre a diversidade cultural e estética da cultura regional favorece o distanciamento do aluno de suas raízes histórico-geográficas, propiciando um processo de alienação cultural. Entendemos que, nos meios escolares, a Literatura de Cordel deve ser valorizada, representando essas características que compõem a identidade de cada região e a espontaneidade da Arte Popular.

2.4 Para quem e para quê o cordel é indicado?

A Literatura de Cordel expressa em seus versos traços marcantes da diversidade cultural presente na sociedade brasileira: cada região tende a proclamar seu modo de viver, seus costumes, suas crenças em produções características de sua região. Utiliza-se de sua linguagem, sua visão de mundo, seus problemas, suas lendas e seu cotidiano.

A princípio, os cordéis não se destinavam a nenhum tipo de público em especial. Ou seja, não havia cordel para mulher, para crianças, ou para adolescentes. Porém, como professores, devemos observar que para cada idade, existe um assunto que irá despertar mais ou menos interesse em nossos alunos. Por exemplo, aventuras e histórias fantásticas agradam crianças e jovens em qualquer época. Desse modo, cordéis que recriam fábulas e contos devem ser os enfatizados para se trabalhar nas séries iniciais do ensino fundamental; por outro lado, folhetos que narram fatos históricos e movimentos sociais, por sua vez, são os mais indicados para as séries finais do ensino fundamental.

Existem inúmeras finalidades do cordel, dentre as quais podemos citar: contar histórias, transmitir preceitos éticos, protestar, comunicar, dentre outras. *O Mestre Azulão [José João dos Santos]* evidencia em sua obra: **O que é literatura de cordel?** Japeri (RJ): [s.n., 20--]. 8 p., o valor do cordel como fonte de informação e notícia:

Esta cultura tem dado
Informação e ensinios
As escolas do nordeste
Para adultos e meninos
Servindo como jornais
Que levam das capitais
Para os sertões nordestinos

(...)

Confiam mais nos poetas
Porque são mais fiéis
Desconfiam dos jornais
Que mentem nos seus papéis

Cabe aqui ressaltar que com o avanço das tecnologias e a proliferação dos meios de comunicação, hoje o poeta já não tem mais essa denominação de “repórter” ou “jornalista”, cabendo ao cordelista retratar os fatos como uma releitura do que acontece no cotidiano. Desse modo, podemos afirmar que a literatura de cordel é um veículo que

permite ao povo participar da vida do país, debater a realidade, expressar suas necessidades e aspirações.

O cordelista, consciente de seu papel na sociedade brasileira busca, junto a estados e municípios programas de inserção da literatura de cordel na grade curricular das escolas, como nos mostra Arievaldo Viana Lima, nos dois versos, extraídos do título **Origens do cordel**, parte que faz do folheto, **Encontro de Zé Ramalho com Raul Seixas na cidade de Thor**, 2004:

(...)
Conheço muitos lugares
Nos cafundós do sertão
Onde o cordel é usado
Para alfabetização
É o Professor Folheto
Herói da educação
(...)
Agora na educação
O folheto faz figura
As escolas descobriram
Que cordel é cultura
Meus parabéns para nossa
Popular literatura

Sendo assim, uma das finalidades do cordel, seria auxiliar na alfabetização. Uma vez que historicamente, nas camadas mais populares, era comum alguém mais velho contar cordéis para um grupo de pessoas e esse, se sentindo estimulado pelas histórias ouvidas, procurava aprender a ler para reproduzir e perpetuar o costume de contação de cordéis.

Cabe ainda lembrar que os professores também precisam estar preparados para discutir as visões de mundo presentes nos cordéis, já que algumas delas podem reforçar preconceitos em relação às mulheres, negros e índios. Desse modo, como mediadores na sala de aula, devemos mostrar a visão apresentada pelo cordelista, mas não deixar que essa seja vista como a verdade absoluta.

III ASPECTOS METODOLÓGICOS

3.1 Situando o estudo: o contexto da pesquisa

O presente trabalho visa verificar como a literatura de cordel tem sido abordada (no PPP e Livro Didático adotado pela Escola Estadual Professor Lourenço Gurgel de Oliveira, Caraúbas/RN) e captada pelos alunos das turmas (sexto ao nono anos do turno matutino), bem como apresentar uma proposta de material didático que estimule, no aluno, a percepção das relações dialógicas existentes entre a literatura de cordel e o ensino de Língua Portuguesa.

Pretendemos também, contribuir com o incentivo à leitura dos cordéis e melhoria do ensino, levando os alunos a perceberem a literatura de cordel como forma de despertar o senso crítico, bem como sua capacidade de observação da realidade social, histórica, política e econômica na qual estão inseridos.

Para este trabalho, optamos por realizar um estudo sobre o espaço dedicado ao ensino da literatura de cordel na escola, bem como das metodologias sugeridas pelos livros didáticos, no trabalho com a literatura em sala de aula.

3.2 Etapas da pesquisa

De início, foi feita uma pesquisa buscando informações sobre o tema e sua relevância dentro do contexto escolar. Após a pesquisa, obteve-se a coleta de dados que procedeu da seguinte forma:

- ✓ Análise do PPP (Projeto Político Pedagógico) da escola para observar sua construção e identificar o espaço dedicado ao ensino da literatura de cordel nas aulas de Língua Portuguesa no ensino fundamental II;
- ✓ Aplicação de questionários para os alunos para verificar que importância o ensino de literatura de cordel tem para cada um;
- ✓ Observação do Livro didático adotado na Escola, a fim de se verificar como este aborda o cordel.
- ✓ Elaboração de uma proposta de trabalho (caderno de atividades) com a literatura de cordel para ser usado, sempre que possível, por professores interessados.

3.3 O desenho da pesquisa

De acordo com Gil (2008), qualquer classificação de pesquisa deve seguir algum critério. Se utilizarmos o objetivo geral como critério, teremos três grupos de pesquisa:

1. Pesquisas Exploratórias;
2. Pesquisas Descritivas;
3. Pesquisas Explicativas.

O objetivo de uma pesquisa exploratória é familiarizar-se com um assunto ainda pouco conhecido, pouco explorado. Ao final dela, se conhecerá mais sobre aquele assunto, e estará apto a construir hipóteses. Por ser um tipo de pesquisa muito específica, quase sempre assume a forma de um estudo de caso (GIL, 2008). Como qualquer pesquisa, depende também de uma pesquisa bibliográfica, pois mesmo que existam poucas referências sobre o assunto pesquisado, nenhuma pesquisa hoje começa totalmente do zero.

Ainda de acordo com Gil (2008), as pesquisas descritivas possuem como objetivo a descrição das características de uma população, fenômeno ou de uma experiência. Por exemplo, quais as características de um determinado grupo em relação a sexo, faixa etária, renda familiar, nível de escolaridade etc.

Para efetivação do nosso trabalho, a pesquisa foi exploratória, bibliográfica, de natureza quantitativa, descritiva e interventiva. Ou seja, buscamos utilizar um processo unificado e homogêneo, onde metodologia, pesquisador e pesquisados não se separassem, visto que sem a prática não seria possível deduções de cunho teórico ou mesmo a validade ou não do conhecimento. Enquanto procedimento, realizou-se de forma direta e indireta, trabalhando-se com alunos na escola e fora dela, a fim de observarmos os resultados com o decorrer de sua aplicação.

Assim, estivemos envolvidos neste trabalho não somente como pesquisadores, mas principalmente como sujeitos e parte integrante deste processo, pois não nos basta apenas constatar que ainda persistem práticas inadequadas e irrelevantes no momento do ensino da língua materna. Devemos, pois, buscar algo que favoreça um contato mais positivo do aluno com a língua que ele estuda; como sugere Antunes (2003, pág.17):

Enquanto o professor de português fica apenas analisando se o sujeito é ‘determinado’ ou ‘indeterminado’, por exemplo, os alunos ficam privados de tomar consciência de que ou eles se determinam a assumir

o destino de suas vidas ou acabam todos, na verdade, ‘sujeitos inexistentes’.

Tendo consciência da importância da literatura de cordel e do papel do professor como mediador no contexto da sala de aula, desenvolvemos um caderno com sugestões de atividades, para que pudéssemos comprovar, na prática, as contribuições que o trabalho com o cordel proporciona ao educando enquanto leitor em formação.

O trabalho foi realizado no município de Caraúbas/RN, situado na Mesorregião Oeste Potiguar e Microrregião da Chapada do Apodi. Caraúbas tem uma área territorial de 1.095 km² e uma população de 19.582 habitantes, distribuídos no município da seguinte forma: 13.709 residentes na zona urbana e 5.873 residentes na zona rural do município. (IBGE – 2010).

O local de estudo escolhido foi a Escola Estadual Professor Lourenço Gurgel de Oliveira, por ser o local onde trabalho desde 2010 e já ter certo contato com os alunos que ali frequentam.

Na busca por encontrar bases que norteiem o ensino da literatura de cordel no Fundamental II (6º, 7º, 8º e 9º anos do turno matutino) da Escola Estadual Professor Lourenço Gurgel de Oliveira - Caraúbas/RN, fizemos uma análise do seu Projeto Político Pedagógico. Esse, em sua apresentação (2012, pág. 3), é assim definido:

O Projeto Político Pedagógico configura-se como importante mecanismo de organização e orientação das atividades administrativas – pedagógicas da Escola. Documento magno que norteia toda a caminhada que uma escola deve percorrer. Um bom PPP é assim a *receita* certa para o sucesso educacional de qualquer instituição.

Assim descrito, sendo esse responsável por “toda a caminhada que uma escola deve percorrer”, focamos nossa busca no tocante à literatura de cordel, a fim de saber se o mesmo explorava em alguma parte, o texto literário, nas suas diversas dimensões de construção de sentido; ou no tocante ao desenvolvimento pelo gosto literário; ou ainda no que se refere ao processo de contribuição para que a educação escolar desenvolva o processo de letramento literário.

Sendo assim, nos detivemos à parte destinada ao conteúdo programático de Língua Portuguesa para as séries finais do Ensino Fundamental. Cabe salientar que o ensino fundamental, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) tem como objetivo

proporcionar ao aluno até o fim do curso, o domínio da leitura, escrita e cálculo, a compreensão do ambiente natural, social, político, científico e ético. O ensino fundamental na educação básica tem ainda como objetivo levar o aluno a adquirir conhecimentos, habilidades e formação de atitudes e valores que leve ao fortalecimento da família, desperte seus sentimentos de solidariedade e tolerância.

No tocante aos objetivos específicos para a disciplina Língua Portuguesa, o Projeto Político Pedagógico (2012, pág. 12), nos aponta:

- _ Abrir espaço para que o educando se integre às várias áreas de conhecimento, contextualizando-o ao ambiente em que vive.
- _ Oportunizar ao educando diversas leituras de mundo e sua interpretação, bem como a percepção das mudanças da cultura, nos aspectos de ver e sentir o mundo; preocupando-se com a formação de valores e padrões de conduta do mesmo, alertando-o para temas de importância social de forma consciente e crítica.

Tomando por base esses dois objetivos específicos citados, vimos que um trabalho com o cordel seria propício, pois além de todas as características já citadas dessa literatura, ela ainda apresenta um caráter humanizador. Ao ler uma poesia, cordel, algo do gênero lírico, o leitor muitas vezes se identifica e se emociona e esse transbordamento ocorre por causa do poder que a literatura tem de tocar os seres humanos através da sensibilização. Assim sendo, o educador e educando irão, através do cordel, ter acesso a diversas leituras de mundo, criando suas interpretações e, ao mesmo tempo, interagindo com as múltiplas áreas do conhecimento, uma vez que o cordel aborda variados temas. Pois, como afirma Jacques Delors (1996. p.82) em seu relatório:

A escola tem como desafio não deixar inexplorado nenhum dos talentos que são incrustados no interior de cada ser humano: a memória, o raciocínio, a imaginação, a capacidade física, o sentido da estética, a facilidade de comunicar-se com os outros, o carisma natural de animador... O que confirma a necessidade de melhor compreender a si mesmo.

A escola pública tem buscado cumprir o papel social, vez que atende a maioria dos alunos em idade escolar e deve garantir a esta população um ensino gratuito, de qualidade, que ofereça condições necessárias ao conhecimento e às mudanças da sociedade. Compreendemos a escola pública como a agência social de letramento que produz saberes, é responsável para garantir ensino e aprendizagem de conteúdos

necessários à inserção na vida social da grande parte da população em fase de escolarização.

Por outro lado, também sabemos que, muitas vezes o espaço que deveria ser aberto para o educando interagir com as várias áreas do conhecimento, contextualizando-o ao ambiente em que vive é simplesmente reduzido a repasses de conteúdos fragmentados, sem interesse para boa parte dos alunos, por desconhecerem a importância desses para suas vidas. Além disso, ainda se encontra com facilidade em ambientes escolares, profissionais que não “dão voz e vez” aos alunos; aceitando como resposta correta apenas aquelas que aparecem no livro didático.

No tocante à avaliação da aprendizagem, o PPP afirma que deve ser contínua, e que a escola desenvolve com sucesso, muitos projetos sobre temas diversos como: sexualidade, cidadania, consciência ecológica, saúde, humanização e educação para a paz. Porém, nada de concreto foi contemplado pelo Projeto Político Pedagógico, no que se refere ao trabalho com a literatura de cordel.

Após a análise do PPP, focamos nosso estudo no livro didático utilizado na disciplina Língua Portuguesa (Ensino Fundamental – séries finais) pela Escola Estadual Professor Lourenço Gurgel de Oliveira, Caraúbas/RN. Trata-se da Coleção Projeto Teláris – Editora Ática. Vale salientar aqui, que essa coleção é a mesma adotada em todas as escolas da rede pública estadual e municipal de Caraúbas e que essa escolha foi feita para o triênio (2014, 2015 e 2016).

No espaço escolar, uma das ferramentas pedagógicas mais importantes é o livro didático, que, além de prestar suporte ao trabalho do professor e ao estudo e pesquisa dos educandos, revela a orientação pedagógica vigente no mercado editorial voltado para o ensino, assim como a perspectiva oficial, já que os livros didáticos passam pela avaliação dos órgãos governamentais que regem a Educação, antes de chegarem aos bancos escolares.

Ressaltamos que nossa intenção ao analisar essa coleção não é buscar prováveis erros das autoras para este ou aquele conteúdo. O que buscamos é observar como a coleção aborda a literatura de cordel.

Em sua apresentação (Projeto Teláris: Português. 2012, p.3), as autoras o descreve assim para os alunos:

Este livro foi feito pensando em você e tem por finalidade ajudá-lo nesses desafios de contribuir para sua formação como leitor e produtor

de textos. Mas também tem outros objetivos: aguçar a imaginação, informar, discutir assuntos polêmicos, contribuir para aflorar emoções, estimular o espírito crítico, e, principalmente, tornar seus estudos prazerosos.

Percebemos, desse modo, que as autoras buscaram, de maneira ampla, contemplar as diversas possibilidades de interação que o ensino da Língua Portuguesa pode proporcionar, pois por convivermos com diferentes linguagens, para nos comunicar no cotidiano, enfrentamos vários desafios a fim de estabelecermos com os alunos uma comunicação eficaz.

Ainda em sua apresentação (Projeto Teláris: Português. 2012, p.3), as autoras afirmam que nos livros, os alunos encontrarão:

Textos de diferentes tipos e gêneros; letras de músicas, histórias, notícias, reportagens, relatos, textos expositivos, argumentativos, debates, charges, quadrinhos, poesia e outras artes... E muita reflexão sobre usos e formas de organizar a língua portuguesa.

Partindo então do pressuposto que iremos encontrar textos de diferentes tipos e gêneros, focamos nossa busca na literatura de cordel. Antes, é válido destacar que os livros são divididos em Capítulos e esses, por sua vez, estão assim organizados:

- * Cada capítulo tem como base do estudo um ou mais textos de Leitura no gênero a ser explorado;

- * A interpretação de texto é dividida em três momentos – Compreensão, Construção do texto e Linguagem do texto;

- * Prática de oralidade é uma parte destinada a produção de diversos gêneros orais, com o tema ou gênero em foco;

- * Língua usos e reflexão é a parte destinada as estruturas linguísticas do gênero em estudo;

- * Hora de organizar o que estudamos é uma síntese conceitual para ajudar na organização dos conhecimentos sobre o gênero e também sobre os conceitos linguísticos vistos no capítulo;

- * Conexões é uma seção que apresenta textos em diferentes linguagens verbais e não verbais;

- * Produção de texto é a parte destinada a produzir textos escritos e orais;

Antecipamos que, logo no início, já notamos nessa coleção, a divisão tradicional que os livros de Língua Portuguesa costumam adotar, fragmentando texto,

interpretação, ensino de gramática e produção textual; como se esses não pudessem integrar-se. Notamos também, que quando na parte gramatical se coloca um texto, não é com a finalidade de analisar as entrelinhas do texto; o objetivo é tão somente identificar este ou aquele elemento gramatical.

Quando focamos nossa busca na literatura de cordel, encontramos, logo na abertura do Capítulo 1(2012, p.16), intitulado Contos da tradição oral, a seguinte afirmação:

Contar histórias é uma atividade que sempre encantou o ser humano. As histórias – reais ou imaginárias – correm o mundo há muitos séculos. Contar é narrar. Narrar é contar. Os contos de tradição oral são passados de geração a geração. Através dos tempos, sofreram alterações, mas mantem muito de suas origens. Sobreviveram sendo contados e recontados com cada um repetindo a seu modo o que ouviu. Essas histórias ficaram conhecidas nas mais distantes regiões pelos mais diferentes povos. Nelas não importa a época ou o lugar, mas sim o fato, o que aconteceu.

Notamos, aqui, que caberia muito bem explorar a literatura de cordel nesse capítulo; visto que a mesma tem caráter real ou imaginário, foi passada de geração a geração; sobreviveu durante um tempo, sendo contada e recontada (cada um repetindo a seu modo o que ouvia); além de ser bastante conhecida na região onde vivemos. Ou seja, seria uma oportunidade de trabalhar com uma das competências menos desenvolvidas no ensino de literatura em sala de aula, que é sem dúvida alguma o gênero cordel.

Porém, para nossa surpresa, o capítulo trouxe um texto em prosa (que não abordava o cordel), depois veio a interpretação do texto; os elementos que compõem a narrativa, explicações sobre linguagem formal e informal, um debate (respeito ao idoso) até chegar em uma história em quadrinhos. Ou seja, deixou de extrair todo o prazer que a poesia poderia proporcionar como a beleza da rima, o ritmo, as construções semânticas, a musicalidade, a fim de privilegiar tão somente conteúdos gramaticais.

Percebemos assim, que o texto literário, mais especificamente a poesia, não foi abordado até o momento, nesse capítulo, mesmo havendo condições favoráveis para isso, porque ainda existe certo preconceito com o texto poético. Muitas vezes isso se justifica, porque os autores não conseguiram perceber a poesia sem a preocupação didática, querendo encontrar nos versos apenas explicações lógicas como em um texto com fins meramente informativos. Desse modo, optam por textos em prosa.

Somente na página 56, numa seção denominada Outras linguagens é que as autoras vão abordar um pouco a xilogravura dos cordéis e propõem como atividade para os alunos, uma reescrita de uma narrativa em verso (Severino – Socorro Acioli, Inventário de segredos. São Paulo: Biruta, 2009) para a narrativa em prosa. (Ver anexo)

Acontece que o texto poético não busca ter fins meramente informativo/educativos nem se preocupa com a veracidade dos fatos. E isso parece não agradar autores e/ou professores que muitas vezes, quer pela dificuldade em visualizar as múltiplas e possíveis significações das palavras quando inseridas no poema ou pela não intimidade com o texto literário, acabam não tendo sucesso com esse gênero textual.

A respeito da poesia, Kirinus (2011, pág.22) nos fala:

É outra verdade a verdade poética. Ela não corresponde à lógica que permeia o universo do real, do objeto concreto, tátil e comprovadamente visível, como corresponderia à expectativa dos seres que aguardam experimentar e verificar fatos e feitos que se sustentam na empobrecida dinâmica de causa e efeito, ou na expectativa puramente funcional. É uma verdade que transcende o realismo filosófico, racional ou científico.

Durante certo tempo, a Literatura de cordel não era bem vista por estudiosos e alguns professores de universidades, pois eles não reconheciam nela um objeto digno de estudo, visto que a mesma não tem por base a veracidade dos fatos e se utiliza mais da oralidade que da escrita. Isso nos motivou a escolher esse tema, visto que a poesia popular, por conter temáticas bem características do universo nordestino, e por possuir uma linguagem simples, porém bela, faz com que os lugares vazios sejam preenchidos, se não adequadamente, mas de forma satisfatória.

O fenômeno só despertou o interesse dos estudiosos letrados em fins do século XIX, começo do século XX. O poeta paraibano Leandro Gomes de Barros é considerado por esses pesquisadores, o primeiro a imprimir e vender seus versos, por volta de 1890.

Hoje já encontramos muitas pesquisas, projetos para serem aplicados em sala de aula e publicações sobre o assunto. É o caso específico do livro **Acorda Cordel na Sala de Aula**, (Editora Queima-Bucha, 2010), de Arievaldo Viana – que conta a história da literatura de cordel, apresenta técnicas da poesia popular e traz sugestões de exercícios para professores e estudantes. Além do livro, apresenta um kit (uma caixa com 12 folhetos de autores diversos, incluindo a Gramática em cordel e a Didática do cordel; e um CD com 10 poemas musicados ou declamados por Arievaldo Viana, Geraldo

Amâncio, Zé Maria de Fortaleza e Mestre Azulão). **Lições de Gramática em versos de cordel** de Janduhi Dantas (Editora Vozes, 2012) – apresenta uma proposta para aprender algumas regras da língua portuguesa por meio das rimas da literatura de cordel. Além de usar as sextilhas metrificadas para tirar dúvidas sobre fonologia, semântica, morfologia, sintaxe e também sobre o novo acordo ortográfico; como também **O Cordel no cotidiano escolar**, de Hélder Pinheiro e Ana Cristina Marinho (São Paulo, Livraria Duas Cidades, 2012) - O livro “convida os professores de diferentes áreas do conhecimento a compreender e a trabalhar com o cordel na sala de aula, considerando principalmente sua natureza poética”, tendo por objetivo “promover a experiência da leitura de folhetos de cordel”.

Os participantes da pesquisa foram os alunos do Ensino Fundamental II (6º, 7º, 8º e 9º anos do turno matutino), da Escola Estadual Professor Lourenço Gurgel de Caraúbas/RN.

Em função do número reduzido de aulas, bem como das exigências de cumprimento de conteúdo programático pré-definido e do tempo pré-estabelecido para execução da pesquisa, não foi possível desenvolver todo o caderno no horário regular das aulas dos referidos alunos. Sendo assim, a experiência literária teve que se desenvolver em horário oposto, o que possibilitou uma maior interação entre os envolvidos.

O terceiro passo da nossa pesquisa foi uma conversa, sondando o que os alunos que estudam nas séries finais do Ensino Fundamental II da escola citada, sabiam sobre o cordel, para em seguida aplicar um questionário, (Ver Anexo), a fim de se verificar oralmente, e após, por escrito, o que estes pensavam a respeito da literatura de cordel, para em seguida, começarmos a produção do material didático (feito com eles e para ser usado por eles).

Adiantamos que, logo no princípio, notamos uma apatia por parte de alguns alunos pelo tema. Em nossas conversas, percebemos que tal apatia se justificava por alguns fatores, tais como: muitos desconhecem o que realmente é o cordel; em nossa sociedade ainda existe a cultura de não valorização ao que é popular; e vários alunos citaram que para eles cordel era cantoria de viola, e não gostavam, porque isso era coisa de “velho”. Ou seja, por não conhecerem de fato, o que vem a ser cordel, muitos nem se interessavam, chegando até a sair da sala quando o assunto era abordado.

Então, como estratégia motivadora, em uma das aulas, levamos os alunos ao laboratório de informática e apresentamos o vídeo **Cordel O linguajar Cearense - You**

Tube³de autoria de Josenir Alves de Lacerda. Esse vídeo tem por base o cordel publicado no livro O Dicionário de Cearensês em Cordel – (Tupynanquim Editora, 2011). Ver texto em anexo.

Após a apresentação do vídeo, propomos confeccionar um dicionário ilustrado, com partes do cordel. (Ver no caderno de atividades).

Os alunos começaram a opinar sobre a linguagem usada no cordel (como se aproximava da fala cotidiana deles); como o assunto tratado era de conhecimento de todos; como algumas expressões mudavam um pouco de uma região para outra (como no caso de “Dedo duro é Cabruêta”, pois em nossa cidade, dizemos “cabueta”).

Após isso, conversamos um pouco mais sobre a importância de se conhecer algo para poder julgar; falamos sobre a importância de se valorizar a cultura de nossa região; e depois, passamos, de fato, a desenvolver e por em prática o nosso caderno com sugestões de atividades. Para cada sala, selecionamos duas atividades a serem desenvolvidas pelos alunos.

Durante a execução de nosso trabalho, tivemos de mudar um pouco a nossa visão com relação ao livro didático. Se antes era visto como um vilão, pois a sociedade já o elegeu como mais importante até que o próprio professor; no decorrer da nossa proposta de trabalho, passou a ser visto como um aliado (espécie de suporte, não mais que isso), no qual, a partir dos espaços que ele proporcionava, as lacunas iam sendo preenchidas pelo nosso projeto.

Como por exemplo, numa seção denominada Um bom debate (livro do oitavo ano, pág.69), se propunha a seguinte discussão: Homens e mulheres têm direitos iguais? Isso é uma realidade?

Nessa seção se pedia para formar dois grupos onde:

O grupo A deveria:

Pesquisar regiões do mundo, circunstâncias e situações em que a mulher já alcançou direitos iguais aos do homem;

Elaborar argumentos para se defender A seguinte afirmação: “A mulher já alcançou direitos e autonomia iguais aos do homem”.

O grupo B deverá:

³ (<https://www.youtube.com/watch?v=7Cfc8p2WyNc>)

Pesquisar regiões do mundo, circunstâncias e situações em que se percebe que ainda há discriminação da mulher ou sua submissão ao poder masculino;

Elaborar argumentos para defender a seguinte afirmação: “A mulher ainda é discriminada e submissa ao poder masculino”.

Ao invés disso, optamos por apresentar, no laboratório de informática, o vídeo Os Direitos da Mulher de Mocinha da Passira (<https://www.youtube.com/watch>). Após a exibição do mesmo, fizemos análise da letra do poema e comentamos sobre os pontos que eles destacaram como mais importantes. Dessa forma, não deixamos de usar o livro didático, mas o adaptamos a nossa realidade e situação.

Durante o desenvolvimento do nosso trabalho, surgiram algumas dificuldades, tais como: tempo extra para se aplicar as atividades; alguns pais preocupados, porque segundo eles, o livro didático estava ficando em segundo plano. Isso porque não se estava seguindo o conteúdo apresentado pelo livro; além de alguns alunos cobrarem que precisavam se preparar para entrar em institutos federais e não viam em nosso trabalho esse objetivo. Ou seja, por estarem adaptados apenas ao repasse de conteúdos em sequencia no livro didático, qualquer outra forma de tentar repassar os assuntos não era válida para eles.

Para Gérard e Roegiers (1998, p.19), o livro didático é “um instrumento impresso, intencionalmente estruturado para se inscrever num processo de aprendizagem, com o fim de lhe melhorar a eficácia”. Porém, percebemos a cada dia que sua utilização não assume apenas esse papel. Para muitos pais, alunos e até vários professores, o livro didático é um manual que deve ser seguido por inteiro, exercendo papel mais importante em sala que o desempenhado pelos próprios educadores. Desse modo, em algumas situações (como na aplicação do nosso trabalho) por não estar utilizando diretamente o livro, fomos até mal interpretados pelos alunos, pais e alguns colegas professores.

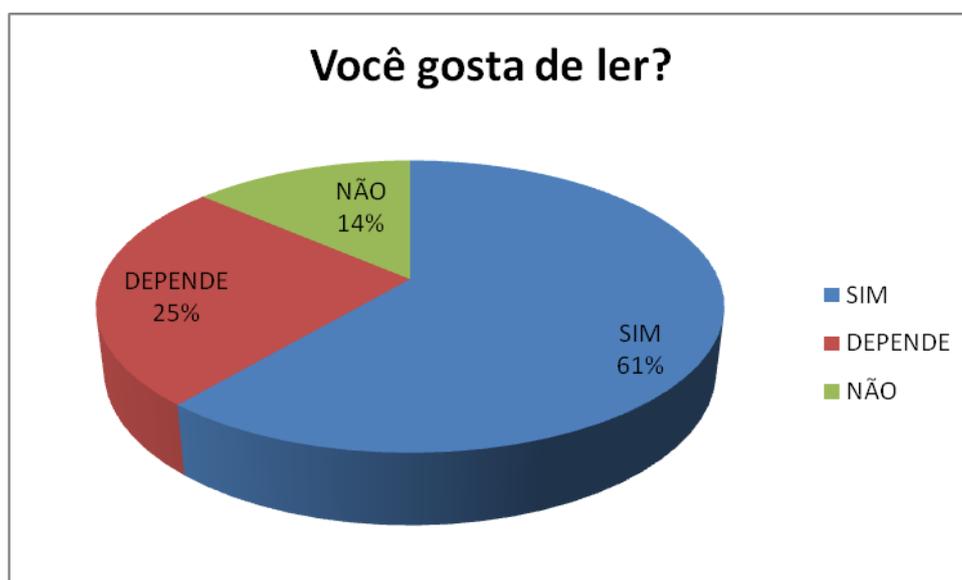
2.4 Análise do questionário aplicado aos alunos do Ensino Fundamental II

Para analisar algumas questões relacionadas ao gosto pela leitura (geral e específica – do cordel), bem como saber sua importância para os alunos do 6º, 7º, 8º e 9º anos do ensino fundamental (matutino) da Escola Estadual Professor Lourenço Gurgel de Oliveira – Caraúbas – RN, utilizamo-nos de um questionário (em anexo) elaborado com perguntas abertas, fechadas e de múltipla escolha, o que nos proporcionou conhecer um pouco mais sobre a leitura feita por nossos alunos, se possuem ou não familiaridade com o cordel, se o livro didático que eles utilizam explora o texto com o cordel e, porque alguns não gostam de ler.

O questionário apresentado aos alunos é composto por uma questão fechada, na qual os alunos puderam responder sim ou não ao questionamento proposto. Da questão fechada, surge uma de múltipla escolha; e três questões abertas de respostas curtas que permitiram que os alunos respondessem e demonstrassem seus gostos pela leitura.

Foram distribuídos cento e três questionários aos alunos do 6º, 7º, 8º e 9º anos matutino, da Escola Estadual Professor Lourenço Gurgel de Oliveira, sendo que todos os alunos responderam e devolveram o questionário proposto nos deixando as seguintes informações:

1 – Você gosta de ler? Justifique.



Fonte: Dados da pesquisa, 2015.
Gráfico 1. Você gosta de ler?

A esta pergunta, dos cento e três alunos questionados, apenas catorze responderam negativamente. O que, de certo modo, nos leva a pensar na forma equivocada com que tratamos os alunos. Pois, costumamos dizer que eles não gostam de ler, simplesmente por não lerem os clássicos da nossa literatura ou algo do tipo. Os que disseram não gostar de ler, justificaram-se do seguinte modo:

- * Ler dá preguiça;
- * Ler em voz alta dá vergonha;
- * Ler causa cansaço;
- * É melhor assistir televisão;
- * Não tem paciência para leitura.

É imprescindível respeitarmos os limites de cada aluno, a começarmos com uma leitura mais direcionada a esse público. Devemos promover o envolvimento de cada um, até que eles descubram que existem leituras prazerosas, e que um livro é uma porta esperando ser aberta para novas descobertas.

Alguns (26 alunos) afirmaram gostar “mais ou menos” de ler. Dentre as suas justificativas, destacam-se:

- * Só gosto de ler, se for história pequena;
- * Só gosto de ler coisas que me interessam: notícias sobre esportes, o livro de Ciências (porque gosta de conhecer o corpo humano) foram alguns exemplos;
- * Só leio se não tiver o filme.

Aqui, a função do professor torna-se imprescindível, pois dependendo da forma como ele trate a leitura, essa poderá ter ou não êxito. Em outras palavras, acontecerá o que afirma Yunes (1997, pág.11):

O livro pode ser o suporte mais fascinante e complexo das narrativas e informações fundamentais de nossa cultura, mas corre o risco (e o desenlace pode ser fatal) de cair em mãos de quem não ver a necessidade em ler, nem descortina prazer nessa ação.

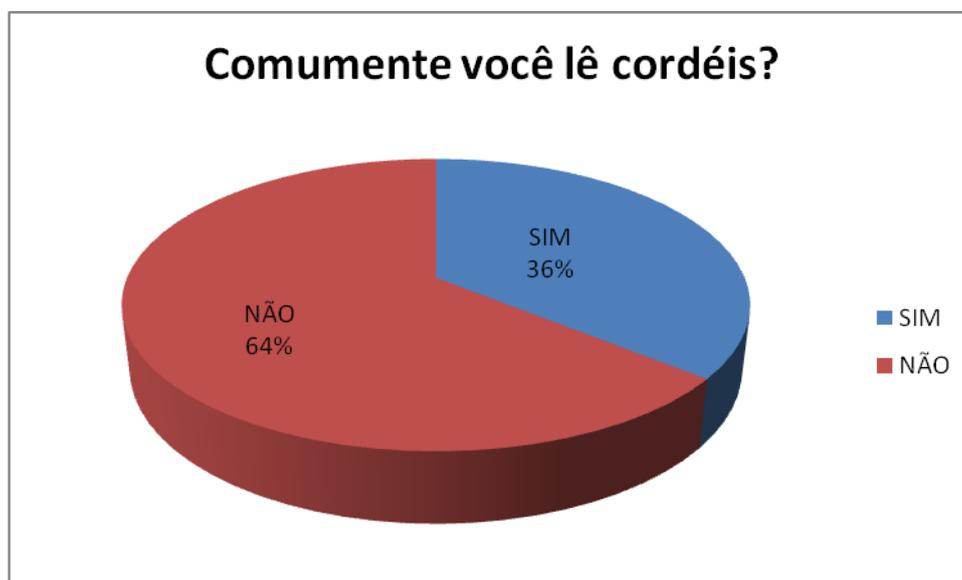
Assim sendo, sabendo que existe um interesse pela leitura, mesmo que este não seja exatamente o mesmo do professor, cabe uma mediação (feita por um leitor experiente – no caso: o professor), a fim de se buscar gosto pela leitura e que, a partir desse gosto, os alunos se tornem leitores críticos, capazes de ver na leitura um espaço dialógico e se encontrem enquanto parte integrante do texto.

A grande maioria, (63 alunos) respondeu afirmativamente que gostava de ler. Porém deixou explícito o tipo de leitura que desperta o gosto dos mesmos. Sendo elas:

- * A Bíblia;
- * Romances;
- * Revistas, jornais, blogs, textos na internet;
- * Histórias em quadrinhos;
- * Cartazes;
- * Biografias;
- * Mitologia Grega;
- * Notícias sobre futebol, leilões de cavalos, dentre outros;
- * Piadas;
- * Novelas;
- * Cordéis;
- * Livros de ação.

Vale salientar aqui, que alguns disseram que gostam de ler, porque desde criança, os pais incentivaram e mostraram o lado positivo que a leitura pode trazer, como: aprendizado de coisas novas, melhora no vocabulário e informação sobre o mundo que o cerca. Assim sendo, acreditamos que, quando a família já incute na criança o hábito da leitura, é mais fácil se formar leitores pelo prazer de ler.

2. Comumente você lê cordéis? () SIM () NÃO



Fonte: Dados da pesquisa, 2015.
Gráfico 2. Comumente você lê cordéis?

Esse questionamento foi respondido da seguinte forma:

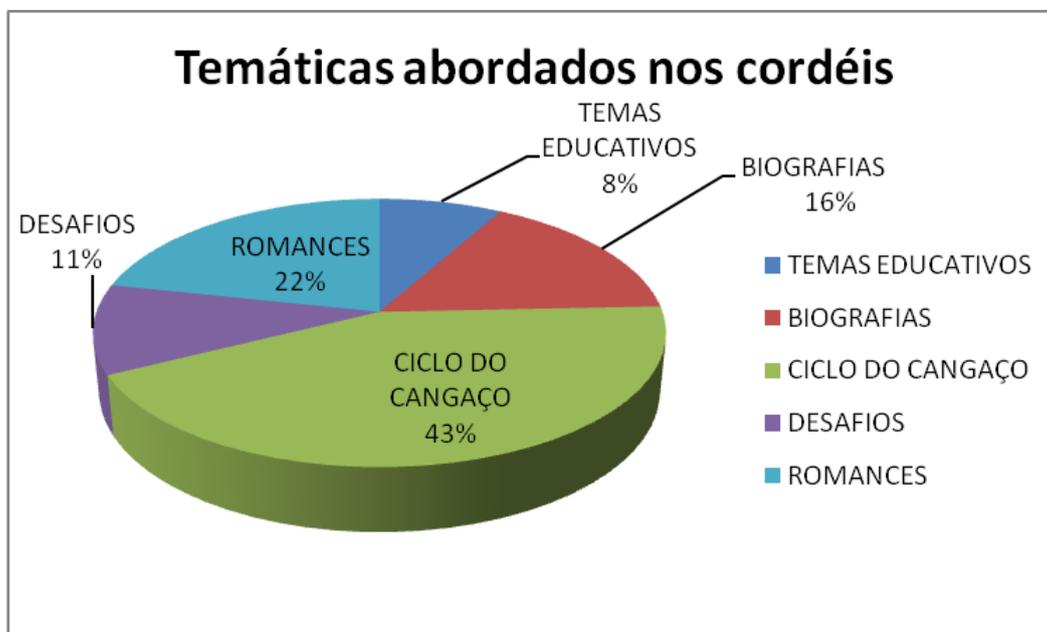
Houve um equilíbrio entre as respostas dadas pelos alunos do oitavo e do nono anos, pois metade respondeu afirmativamente (10 do nono e 17 do oitavo) e outra metade negativamente (10 do nono e 17 do oitavo); já os do sexto e do sétimo anos, a maioria respondeu negativamente (21 do sexto e 18 do sétimo), enquanto que positivamente, (07 do sexto e 03 do sétimo).

Embora seja a literatura de cordel potencial fonte de informação e um meio de comunicação de linguagem acessível, ainda são poucas as bibliotecas que possuem folhetos em seu acervo. Seu potencial informativo deixa, desta forma, de ser explorado. Isso justifica, em partes, a falta de interesse dos alunos pela leitura de cordéis. Desse modo, torna-se urgente um trabalho que estimule o interesse das crianças e adolescentes pela leitura e em especial pela leitura de cordel, visto que essa já é conhecida como um patrimônio histórico e cultural do povo nordestino.

Dessa pergunta: “Comumente você lê cordéis?” se o aluno respondesse afirmativamente, ele iria indicar a(s) temática (s) com as quais tinham mais contato. Apontamos as seguintes: Temas educativos ou de esclarecimento público, Biografias,

História do ciclo do cangaço, Desafios e peijas entre grandes violeiros, Romances, Outro (s). Especifique: _____

Como resultado tivemos:



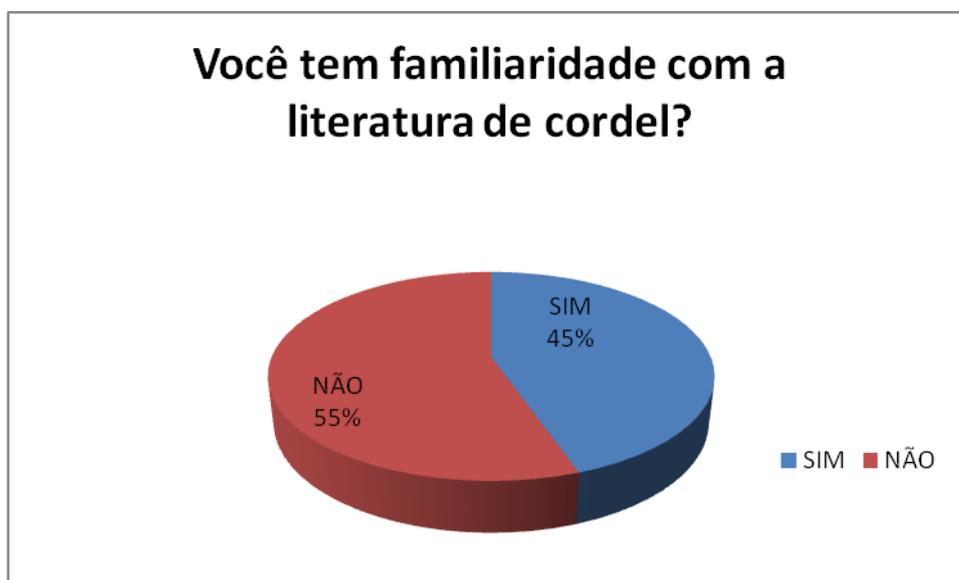
Fonte: Dados da pesquisa, 2015.
Gráfico 3. Temáticas abordadas nos cordéis.

De acordo com o nosso questionário, o ciclo do cangaço foi o tema mais lido pelos alunos (43%), seguido do romance (22%), biografias (16%), desafios (11%) e temas educativos (8%).

De modo geral podemos verificar que há na Literatura de Cordel uma diversidade de assuntos. Na maioria dos países, ela tem sido classificada segundo seus “ciclos temáticos”. As classificações diferem entre si, segundo os critérios usados pelos folcloristas. No Brasil, destacam-se as de Cavalcanti Proença, Origenes Lessa, Ariano Suassuna, Roberto Câmara Benjamim, Manuel Diégues Jr. e Câmara Cascudo.

Vale salientar que na escola, o professor deve procurar trabalhar com uma diversidade de gêneros textuais tratando cada um de acordo com a sua finalidade. Além disso, as atividades com a leitura devem ser planejadas de acordo com as condições materiais de que aluno dispõe fora da escola, ou seja, devem ser levadas em consideração as condições socioeconômicas do aluno.

3. Você tem familiaridade com a literatura de cordel? Em caso afirmativo, diga em que situação (ões) você teve/tem contato com esse tipo de literatura.



Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

Gráfico 4 Você tem familiaridade com a literatura de cordel?

Novamente a essa pergunta, a maioria respondeu negativamente. Dos cento e três alunos entrevistados, cinquenta e sete disseram não ter familiaridade com o cordel e quarenta e seis afirmaram ter.

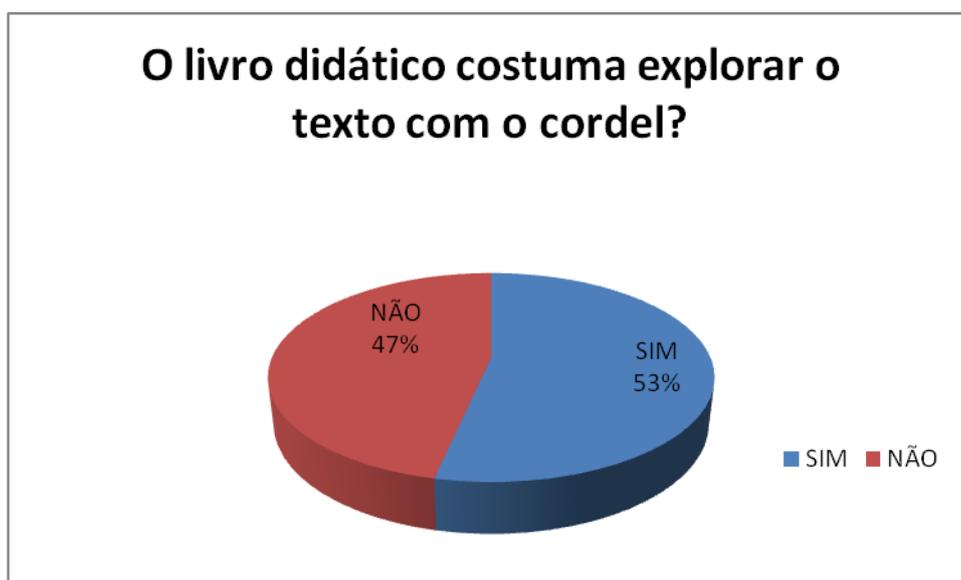
A produção cultural de um povo é muito rica e diversificada. No entanto, talvez o nosso maior problema seja a não valorização daquilo que temos. É mais propício aceitar o que a mídia propõe do que explorar o que está em nosso dia-a-dia. Tal fato pode ser percebido pelo gráfico acima, quando constatamos que a maioria dos alunos respondeu que não tem familiaridade com a literatura de cordel, apesar de ela se apresentar em livros simples, normalmente baratos e falar de assuntos do cotidiano. Parece que o que há, realmente, é uma falta de reconhecimento e valorização pelo que é nosso.

Assim sendo, como professores de Língua Portuguesa, devemos tratar e repassar para nossos alunos que a literatura de cordel é um assunto interessante e de grande importância em nossas aulas, visto que todo ser humano tem necessidade de conhecer suas origens, passado, história, cultura e costumes da sociedade onde vive, bem como de sua região, de uma forma prazerosa e lúdica.

Os que responderam afirmativamente, disseram que tiveram contato com a Literatura de cordel em vários lugares, como: Escola, Biblioteca Municipal, casa de familiares (padrinho, avó), em casa, na casa de amigos, na internet, e até em uma

barraquinha onde se vendiam cordéis. Esse fato só justifica o que dissemos anteriormente: a literatura de cordel é de acesso fácil. Vale aqui salientarmos, que um aluno ainda afirmou ter tido contato com a literatura em foco, através de sua avó, que costumava ler as histórias em cordéis para os netos, todas as noites, antes de eles dormirem.

4. O livro didático costuma explorar o texto com o cordel? Você considera este tipo de atividade importante? Por quê?



Fonte: Dados da pesquisa, 2015.
Gráfico O livro Didático costuma explorar o texto com o cordel

A essa pergunta, cinquenta e cinco alunos responderam que o livro didático costuma sim explorar o texto com o cordel. Quando começamos a conversar, e mostrar o que de fato é o cordel, eles explicaram que responderam afirmativamente a essa pergunta, porque pensavam que o cordel era qualquer poesia. Daí, explicaram que o livro didático deles tem alguns textos escritos em versos e estrofes. Mesmo assim, quarenta e oito alunos disseram que o livro didático não costumava explorar o texto com o cordel.

Em relação ao segundo questionamento “Você considera esse tipo de atividade importante? Por quê?” Oitenta alunos disseram que consideravam importante sim, pois através dos textos em cordel, eles iriam adquirir mais conhecimentos; os textos se tornariam mais interessantes; eles aprenderiam mais sobre a nossa cultura; a aula não se tornaria cansativa; o gosto pela leitura seria estimulado; e que os alunos devem

conhecer todos os tipos de textos. Porém, vinte e três alunos disseram que não consideravam importante o livro didático explorar o texto com o cordel. Justificaram-se dizendo que: O cordel é sem sentido; O cordel é inútil; O livro didático só deve ter atividades; O cordel não será útil para o futuro profissional, dentre outros.

Desse modo fica claro, que o professor de Língua Portuguesa deve mediar um debate e mostrar para os alunos que no Brasil existe uma concepção que ainda perdura de que a poesia popular é para as classes sociais mais baixas e que a literatura para classes mais favorecidas é a erudita, produzida pelos escritores formados nas universidades. Desse fato deriva uma insistência grande de muitas pessoas no preconceito contra a poesia popular. Há a ignorância em relação a sua história, a sua importância da mescla de culturas, de informações, de conhecimento de novas formas de expressão dos mais diversos povos. Outro fator que contribui para a não valorização do cordel, ainda é a lenta transformação do mesmo, para acompanhar o avanço tecnológico. Muitos autores não concordam que o cordel deve se adequar à tecnologia, pois afirmam que irá descaracterizá-lo. A respeito desse tema, Walter Medeiros⁴ escreveu: A peleja do Cordel de Feira com a Internet. (Anexo).

O mundo muda. As transformações acontecem constantemente. Desse modo, ao analisarmos o cordel citado com os alunos, chegamos à conclusão que trazer essa literatura para os meios sociais não é uma forma de fugir de suas características. Se antes eram expostos em feiras livres, para atrair a atenção dos que ali frequentavam, hoje sendo publicado na internet é uma forma rápida e prática de muitos terem acesso aos livros em foco, visto que grande parte dos alunos tem computadores com internet em casa. Desse modo, facilita a divulgação e o conhecimento do trabalho dos cordelistas. Corroborando com nossa ideia, Nezite Alencar (sem referência), escreveu:

Pra quem procura por perto
Morada pra poesia,
Pode dizer com alegria
Que encontrou lugar certo:
A net é espaço aberto
Pra o poeta versejar
E em verso desafiar
Os quatro cantos do mundo,
Numa fração de segundo,
Sem sair do seu lugar.
(Nezite Alencar – Crato/CE)

⁴ <http://paginas.terra.com.br/arte/cordel>),

Assim fica evidente que o trabalho com o cordel em sala de aula e com o auxílio da internet para divulgá-lo, o acesso e a rapidez com que os alunos entram em contato com essa literatura, torna-se inquestionável. Durante o desenvolvimento de nossa pesquisa, utilizamo-nos, inclusive, diversas vezes do laboratório de informática. Esse, por sinal, era visto sem utilidade para muitos professores de Língua Portuguesa. O laboratório de informática foi usado para que os alunos pudessem ter acesso ao cordel.

Nesse sentido, quando envolvemos os alunos na construção de nossas aulas, fazendo-os ser construtores do conhecimento e não apenas meros receptores, temos um resultado normalmente positivo. Foi isso que aconteceu quando efetivamente colocamos em ação nosso projeto. Ao construir jogos, montarem peças e observarem de fato, como é o trabalho do professor/pesquisador, os alunos se engajaram e alguns já anteciparam que a aula estava mais atrativa e de fácil compreensão. Segundo eles, conteúdos que antes tinham dificuldades para entender, ficaram mais simples depois que foram abordados com o auxílio do cordel, e explanados em sala pelos colegas. Por exemplo, quando tiveram que aprender os cordéis do livro *Lições de Gramática em versos de cordel* de Janduhi Dantas (Editora Vozes, 2012) para explaná-los para a sala, alguns comentaram que nunca tinha entendido o conteúdo daquela maneira.

O próximo capítulo será dedicado a proposta de trabalho com os alunos. Nele mostraremos formas práticas de se trabalhar com o cordel em sala de aula, sem fugir de alguns conteúdos propostos no livro didático.

IV PROPOSTA DE TRABALHO COM A LITERATURA DE CORDEL

A partir de agora, apresentaremos e situaremos o nosso campo de pesquisa, bem como a maneira pela qual se deu tal efetivação.

Apresentaremos, pois, um caderno com sugestões de atividades, que visa auxiliar o professor de Língua Portuguesa. Para tanto, foram trabalhadas e aqui estão apresentadas sugestões de como trabalhar o cordel em sala de aula, para ser aplicado pelo professor de Língua Portuguesa, durante o ano letivo, no Ensino Fundamental (séries finais):

O CORDEL EM SALA DE AULA PEDE LICENÇA

Prof.^a Luzia Kalene

SÉRIES:

6º, 7º, 8º e 9º

NÍVEL DE ENSINO:

Ensino Fundamental (séries finais)

OBJETIVOS:

- Abordar o gênero **CORDEL** na perspectiva do Letramento Literário.
- Proporcionar o contato com o **CORDEL** produzido por autores brasileiros.
- Estabelecer relações entre os textos e os conhecimentos prévios dos alunos.
- Despertar a criatividade por meio de apresentações.
- Trabalhar a oralidade dos alunos.
- Estabelecer relações entre a linguagem verbal e não verbal.

CORDEIS:

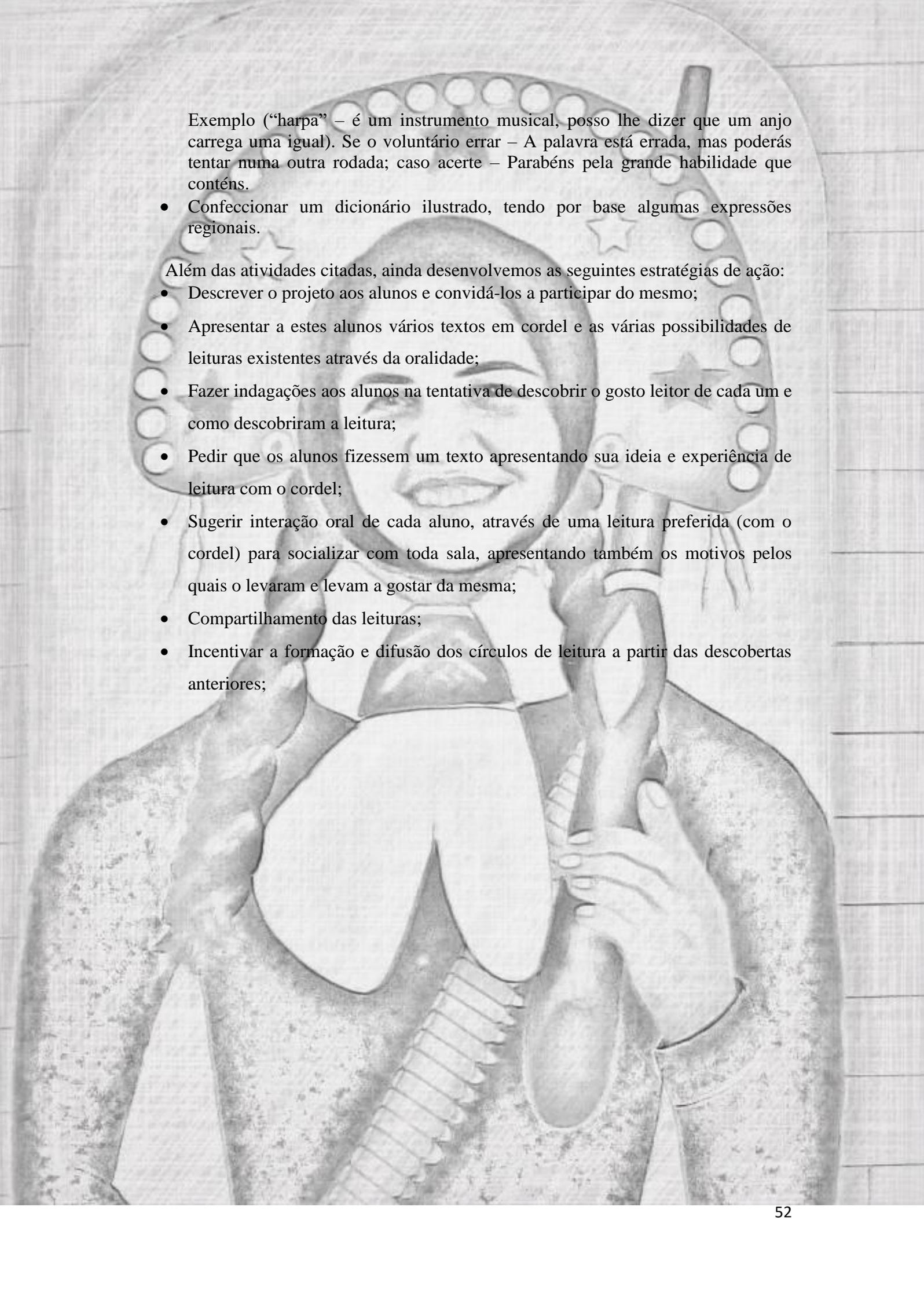
A lenda da Vitória Régia;
A lenda da Lua;
A lenda do Saci Pererê;
A lenda do Boto;
A lenda de Matina Pereira;
O diabinho na garrafa;
O linguajar cearense;

POETAS:

Paulo Varela;
Janduhi Dantas;
Guilherme de Almeida Gonçalves;
Josenir Amorim Alves de Lacerda

PARA COMEÇO DE PELEJA...

- Apresentar alguns cordéis a turma, deixando os alunos à vontade para escolher qual cordel gostariam de ler, e só realizar a atividade, com aqueles que demonstraram interesse, visto ter alguns tímidos, que não querem participar. Ressaltamos que a leitura em voz alta deve ser trabalhada dentro e fora da sala, e, se possível, realizar mais de uma leitura, a fim de se verificar o ritmo, encontrar os diferentes andamentos que o folheto possa comportar e trabalhar as entonações adequadas. Ou seja, trata-se de dar expressividade ao cordel;
- Criar textos não verbais, com base em cordéis – O professor pode fiçar à vontade para utilizar materiais e procedimentos que julgar mais adequados: lápis de cor, tinta guache, dentre outros. Aqui também pode ser feito um trabalho com colagens. Depois da leitura de um cordel, sugerir que os alunos ilustrem parte do texto, de modo a trabalhar a linguagem visual. Orientando-os a ilustrar um verso ou dois (dependendo do tamanho da turma), a fim de se montar um painel gigante, que recontar o cordel;
- Ler oralmente e apresentar cordéis sobre conteúdos gramaticais – pré-determinados pelo professor. Como sugestão, escolhemos o livro – Lições de Gramática em Versos de cordel – de Janduhi Dantas. Trabalhar conteúdos relativos à série em foco. Desse modo, acentuação gráfica, emprego de vírgula, emprego de artigo, emprego de pronome foram alguns dos conteúdos abordados. O procedimento deve ser o mesmo utilizado na leitura dos cordéis da etapa anterior;
- Realizar um jogo dramático – Atividade que recupera a capacidade de fantasiar, de recriar a realidade, pois não necessita de cenários, adereços e trajes muito complexos para ser realizada. Trata-se, na verdade, de uma improvisação, a partir de uma determinada situação. No caso, os alunos leem um cordel, e vão montando um cenário (com cadeiras, mesas, ou coisas comuns à sala de aula) para, numa espécie de teatro, irem apresentando o cordel lido;
- Analisar e discutir as ilustrações típicas dos livros de cordel – Depois de conhecerem o que significa a xilogravura, e terem contato com várias, fazer um debate oral e escrito sobre essa forma de produção cultural, chamando a atenção para as condições sociais que as mesmas foram e continuam sendo produzidas; sua relação com as histórias, seu caráter mais ou menos realista ou fantasioso, dentre outras questões;
- Trabalhar com cordéis, que foram musicados – Compositores nordestinos, dentre outros, redimensionaram ritmos, e criaram, a partir do cordel, músicas com face peculiar. Como sugestão, selecionamos dois: um com Raimundo Fagner do poema “Vaca Estrela e boi Fubá” e outro Com Luiz Gonzaga, que tornou muito conhecida a “Triste Partida”, de Patativa do Assaré;
- Criar peças de teatro, tendo por base um cordel – Os alunos, em grupos, escolhem um cordel e vão apresentá-lo, em forma de teatro, na sala de aula. Essa a atividade além de apresentar o cordel, mostra o talento individual dos alunos;
- Elaborar um jogo (soletração), usando o cordel – selecionamos as palavras com antecedência. O uso de cordel é feito pelo mediador, para iniciar o jogo (Bom, para que o jogo possa começar de dois voluntários iremos precisar). Após isso, ele explica como o jogo funciona (Para ganhar, corretamente terá que soletrar) – fala a palavra; Orienta usando o cordel (em caso de dúvida surgir, o significado você pode pedir); Os significados também serão dados em forma de rima.



Exemplo (“harpa” – é um instrumento musical, posso lhe dizer que um anjo carrega uma igual). Se o voluntário errar – A palavra está errada, mas poderá tentar numa outra rodada; caso acerte – Parabéns pela grande habilidade que contém.

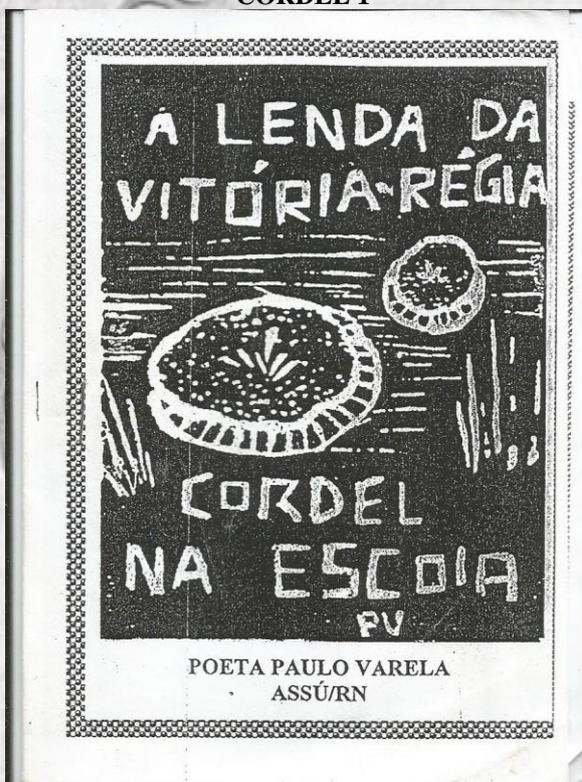
- Confeccionar um dicionário ilustrado, tendo por base algumas expressões regionais.

Além das atividades citadas, ainda desenvolvemos as seguintes estratégias de ação:

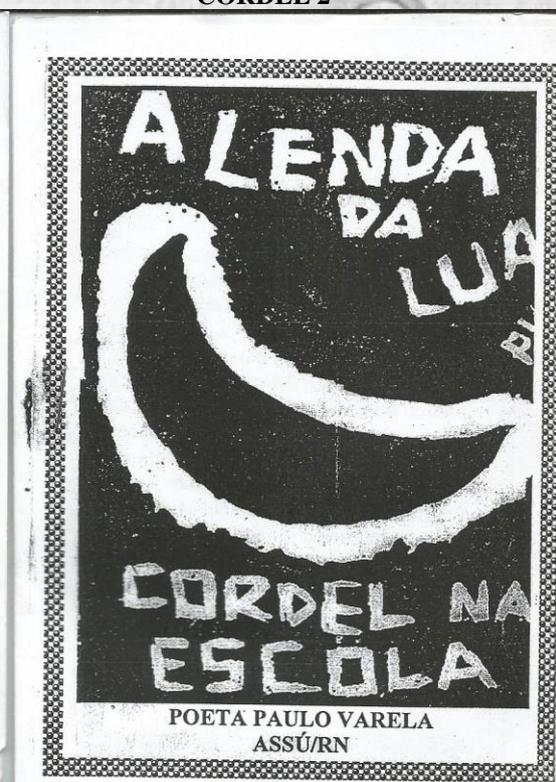
- Descrever o projeto aos alunos e convidá-los a participar do mesmo;
- Apresentar a estes alunos vários textos em cordel e as várias possibilidades de leituras existentes através da oralidade;
- Fazer indagações aos alunos na tentativa de descobrir o gosto leitor de cada um e como descobriram a leitura;
- Pedir que os alunos fizessem um texto apresentando sua ideia e experiência de leitura com o cordel;
- Sugerir interação oral de cada aluno, através de uma leitura preferida (com o cordel) para socializar com toda sala, apresentando também os motivos pelos quais o levaram e levam a gostar da mesma;
- Compartilhamento das leituras;
- Incentivar a formação e difusão dos círculos de leitura a partir das descobertas anteriores;

ABRAM ALAS PARA O CORDEL!

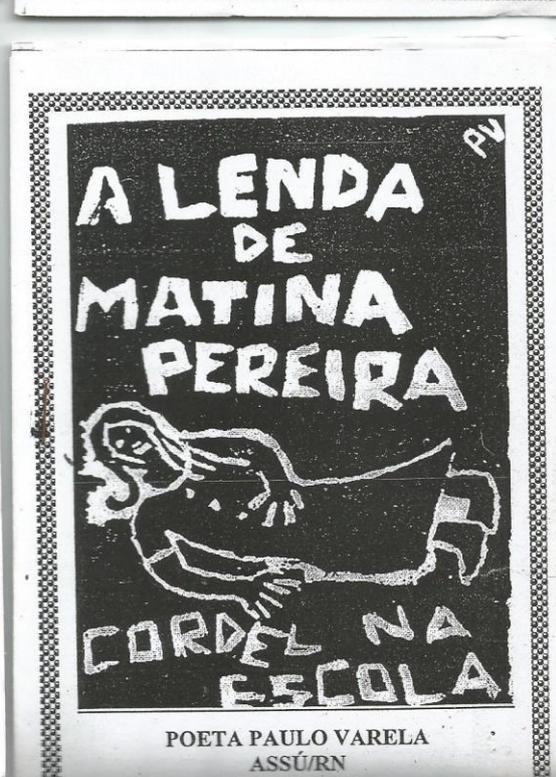
CORDEL 1



CORDEL 2

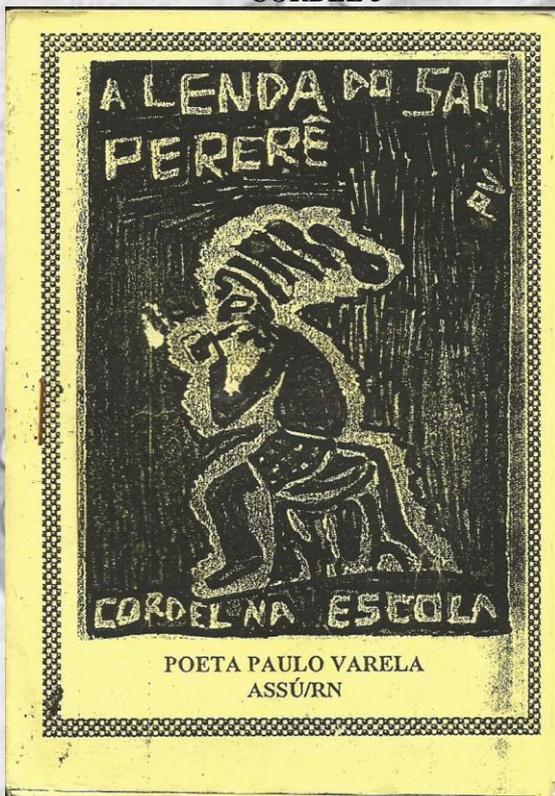


CORDEL 3



CORDEL 4

CORDEL 5



CORDEL 6



CORDEL 7

ACENTUAÇÃO GRÁFICA (Janduhi Dantas)

ACENTO EM OXÍTONAS
As palavras oxítonas
que findam em *ens* ou *em*
recebem acento gráfico
(reféns, porém, armazém...);
Com final em a(s), e(s), o(s)
Levam acento também.

CORDEL 8

DOM QUIXOTE (Guilherme de Almeida Gonçalves)

Havia um fidalgo magro e alto,
Que era apaixonado por histórias da cavalaria.

Um dia saiu da realidade,
Pois passou achar que era um cavaleiro.
E assim, foi cavalgando pelas cidades.

Ele se chamou de Dom Quixote,
Mas precisava ser armado cavaleiro.
Ele viu uma estalagem e confundiu com castelo,
Daqueles bonitos e belos.
Pedi ao estalajadeiro,
Que achava que era rei,
Armá-lo cavaleiro.

O estalajadeiro, com medo, não contrariou,
Armou-o cavaleiro e se mandou.

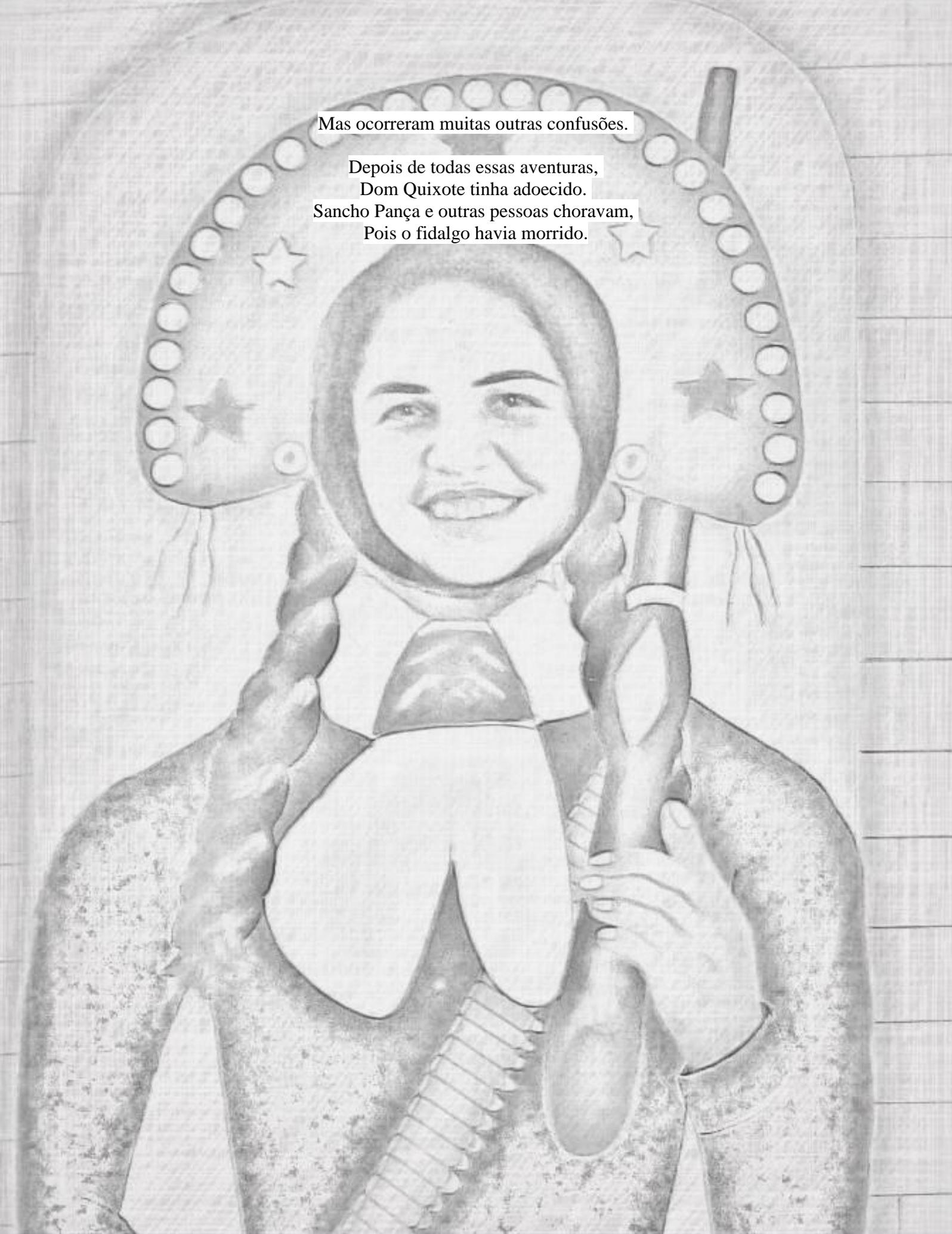
Dom Quixote passou a visitar um vizinho,
Que era gordo e meio burrinho.
Era Sancho Pança, um lavrador,
Que por ingenuidade
Virou escudeiro do cavaleiro sem louvor.

Na viagem deles,
Apareceram moinhos de vento,
E Dom Quixote achou que eram gigantes!
Quando os atacou,
Foi lançado para o alto,
E o escudeiro foi vendo o coitado,
Todo maltratado e acabado.

Em outra aventura,
Dom Quixote encarou dois leões.
Os animais nem ligaram,

Mas ocorreram muitas outras confusões.

Depois de todas essas aventuras,
Dom Quixote tinha adoecido.
Sancho Pança e outras pessoas choravam,
Pois o fidalgo havia morrido.



TÁ NA HORA DE VERSEJAR



FONTE: 6º ANO – ARQUIVO DO PROFESSOR



FONTE: 6º ANO – ARQUIVO DO PROFESSOR



FONTE: 6º ANO ÚNICO – ARQUIVO DO PROFESSOR



FONTE: 6º ANO ÚNICO – ARQUIVO DO PROFESSOR



FONTE: 7º ANO ÚNICO – ARQUIVO DO PROFESSOR



FONTE: 7º ANO ÚNICO – ARQUIVO DO PROFESSOR



FONTE: 8º ANO ÚNICO – ARQUIVO DO PROFESSOR



FONTE: 8º ANO ÚNICO – ARQUIVO DO PROFESSOR



FONTE: 9º ANO ÚNICO – ARQUIVO DO PROFESSOR



FONTE: 9º ANO ÚNICO – ARQUIVO DO PROFESSOR



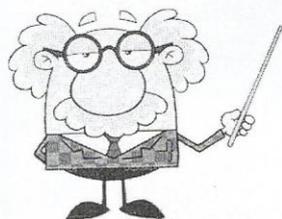
FONTE: 9º ANO ÚNICO – ARQUIVO DO PROFESSOR



FONTE: 9º ANO ÚNICO – ARQUIVO DO PROFESSOR

O LINGUAJAR CEARENSE
CORDEL: O LINGUAJAR
CEARENSE
AUTORA: JOSENIR A DE LACERDA

Todo poeta de fato
É grande observador
Seja da rua ou do mato
Seja leigo ou professor
Faz verdadeira pesquisa
Vasto estudo realiza
Buscando essência e teor



Por esse nato talento
Na hora de versejar
Busca o tema e o momento
Visa o leitor agradar
Não sente conformação
Se não passa a emoção
Que dentro do peito está



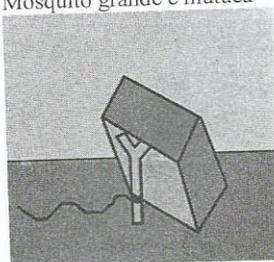
Neste cordel-dicionário
Eu pretendo registrar
O rico vocabulário
Da criação popular
No Ceará garimpei
Juntei tudo, compilei
Ao leitor quero ofertar



Se alguém é desligado
É chamado de bocó
Broco, lerdo e abestado
Azuado ou brocoió
Arigó e Zé Mané
Sonso, atruado, bilé
Pomba lesa e zuruó



Artigo novo é zerado
Armadilha é arapuca
O doido é abirobado
Invencionice é infuca
O matuto é mucureba
Qualquer ferida é pereba
Mosquito grande é mutuca





Quem muito agarra, abufela
 Briga pequena é arenga
 Enganação, esparrela
 Toda prostituta é quenga
 Rapapé é confusão
 De repente é supetão
 Insistência é lenga-lenga

Curso Intensivo de "Nordestinês"

A palavra do dia é:

"Abufelar"

Atitude súbita e firme de agarrar
 alguém ou alguma coisa.
 "Abufelou-se mais o bebo e saíram
 aos francos e barrancos!"



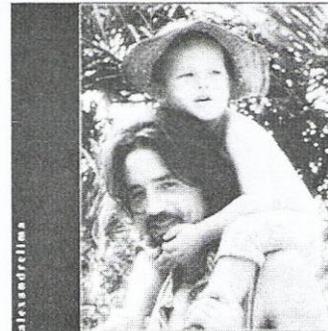
Qualquer tramóia é motim
 Solteira idosa é titia
 Mosquitinho é mucuim
 Recipiente é vasia
 Meia garrafa é meiaota
 O exibido é fiota
 Travessura é istripulia



Bebeu muito é deodato
 Brisa leve é cruviana
 O sujeito otário é pato
 Cigarro curto é bagana
 Fugir é capar o gato
 O engraçado é gaiato
 Quem vai preso tá em cana



Ter mesmo nome é xarapa
 Muito junto é encangado
 Água com açúcar é garapa
 Cor vermelha é encarnado
 Muita coisa dá mêmundo
 Sendo Mundim é Raimundo
 Valentão é arrochado



A rede velha é fianga
 Com raiva é apurrinhado
 Careta feia é munganga
 Baitinga é o mesmo viado
 O bom é só o pitéu
 Bajulador, xeleléu
 Sem jeito é malamanhado



Bater fofo é não cumprir
 Etecetera é escambau
 Sujar muito é encardir
 Quem acusa, cai de pau

Confusão é funaré
Carta coringa é melé
Atacar é só de mau



Qualquer botão é biloto
Mulher difícil é banqueira
Pequenino é pirritoto
Estilingue é baladeira
Qualquer coisa é birimbelo
Descorado é amarelo
Sem requinte é labrocheira



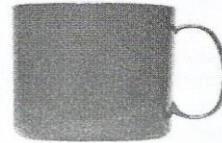
Um perigo é boca quente
Porco novo é bacurim
Atrevido é saliente
Quem não presta é croja ruim
Dedo duro é cabruêta
A perna torta é zambêta
Coisinha pouca é tiquim



Parteira era cachimbeira
Dar mergulho é tiburgar
Tem cucuruto, moleira
Olhar demais é cubar
Tem ainda ternontonte
Que vem antes do antonte
Ver de soslaio é brechar



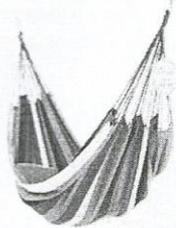
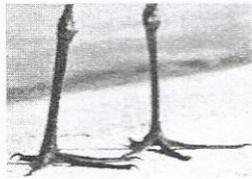
Quem briga bota boneco
Sem valor é fulerage
Copo pequeno é caneco
Estrada boa é rodage
O tristonho é capiongo
Galo ou inchaço é mondrongo
E a ralé é catrevage



O velho ovo estrelado
É o bife do oião
Nervoso é atubibado
Reprender é carão
O zarólho é caraôï
Enviezado, zanôï
Inquieto é frivião



A perna fina é cambito
Dar o fora é azular
Muito magrelo é sibito
Pisar manco é caxingar
Rêde pequena é tipóia
Tudo bem é tudo jóia
Fazer troça é caçoar



A expressão "dá relato"
Que atinge mais de légua
"Tá ca peste!" "Só no Crato!"
"Tá lascado!" e "Aarre égua!"
"Corra dentro!" " Qué cirmá? "
"É de rosca? "Éé de lascar! "
"Vôte!" "Ôxente! "Isso é paid'égua!"

Se é muito longe, arrenego
Que Deus do céu nos acuda
É pra lá da caixa prego
Lá no calcanhar do juda
Nas bimboca ou cafundó
Nas brenha ou caixa bozó
Onde o vento a rota muda



Se é cheia de babiliaque
É ispilicute ou dondoca
Ligeiro é "que nem um traque"
Agachado é tá de coca

Sem rumo é desembestado
O faminto é esguerado
Bolha na pele é papoca



Chamuscado é sapecado
Nuca, cangote é cachaço
Meio tonto é calibrado
A coluna é espinhaço
Se está adoentado
Tá como diz o ditado:
"da pucumã pro bagaço"



Cearense tem mania
Chama todo mundo Zé
Zé da onça, Zé de tia
Zé ôin ou Zé Mané
Zé tatá ou Zé de Dida
Achando pouco apelida
Um bocado de Zezé

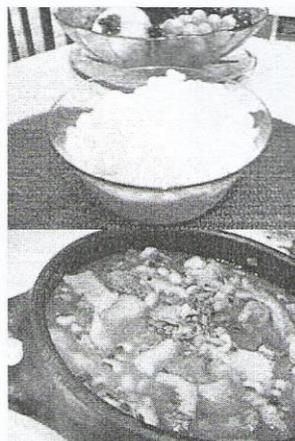
Fazer goga é gaiofar
O que é longo é cumprissaio
Provocar é impinjar
Toda pilôra é desmaio
Salto ligeiro é pinote
Bando, turma é um magote
Cesto sem alça é balaio

1º DESMAIO



A comidinha caseira
Tem fama no Ceará
Tipicamente brasileira
Faz o caboco babar
No bar do Mané bofão
Pau do guarda, panelão
O cardápio vou citar:

Sarrabulho, panelada
Mucunzá e chambari
Tripa de porco, buchada
Baião de dois com piqui
Tem pão de milho e pirão
Came de sol com feijão
Tijolo de buriti



Quem é ruivo é fogoió
O tristonho é distrenado
Tomozelo é mocotó
Cheio de grana, estribado
Jarra de barro é quartinha
O banheiro é a casinha
Sem saída, "tá pebado"

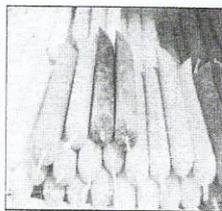


A bebida e o seu rol
No Ceará todo habita
A fubuia e o merol
A truaca e a birita
Amansa sogra ou quentinha

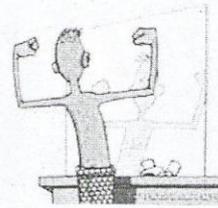
Engasga gato, caninha
A meropéia e a mardita



O picolé no saquinho
Aqui se chama dindin
Se é o dedo menorzinho
É chamado de mindin
Riso sonoro é gaitada
Confusão é presepada
Atrevido é saidin



Papo longo e sem valor
É "miolo de pote"
Muito esperto é viverdor
Adolescente é frangote
Soldado raso é samango
A lagartixa é calango
O tabefe é cocorote



A lista é quase sem fim
Não cabe num só cordel
Tem alpercata, alfinim
Enrabichada e berel
Chué, baé, avexado
Bãe de cúia, ôi bribado
Quebra-queixo e carretel

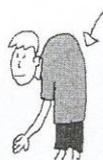
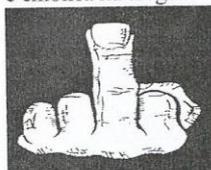


Tem visage, sarará
Tem bruguelo e inxirido
Rabiçaca e aluá
Ispritado e zói cumprido

Bunda canastra, lundú
Dona encrenca, sãhacu
Bonequeiro e maluco



O caerense é assim:
Dá cotoco à nostalgia
A tristeza leva fim
Na cacunda da euforia
dá de arrudei na carência
Enrola a sobrevivência
e embirra na alegria



Trabalho feito e cedido pelo aluno: Cícero Adriano

De modo geral, a aplicação do trabalho com o cordel em sala de aula foi proveitosa. A princípio, confesso que pensei em desistir, quando notei certo desinteresse dos alunos pelo cordel. Associado a isso, não tive muito apoio da comunidade escolar (pais e colegas professores; visto que para muitos pais, conteúdo válido é aquele que está explícito no livro didático; enquanto que para muitos professores, aplicar projeto e buscar outras formas de repasse de conteúdo é muito trabalhoso. Na visão de muitos, é mais cômodo seguir o livro didático a risca). Porém, quando o projeto começou a ser posto em prática, os alunos se envolveram e junto com eles, conseguimos desenvolvê-lo em sala de aula.

Sabemos que hoje quanto mais o aluno tiver a oportunidade de vivenciar práticas em que a leitura e a escrita estejam presentes, maior será o grau de letramento (PCN 1998) desse aluno. A escola é o local privilegiado para o exercício dessas práticas. Sendo assim, fizemos do livro didático um aliado em nosso projeto. Se a princípio ele foi alvo de crítica por ter uma situação propícia e não abordar a literatura de cordel, com o decorrer da pesquisa, percebemos que como ele tem o respaldo da comunidade escolar, nada mais conveniente que aliar nosso trabalho ao livro didático. Desse modo, toda vez que víamos uma oportunidade trazida pelo livro, colocávamos o nosso trabalho como suplemento.

Nas seções denominadas Prática de oralidade, por exemplo, em que normalmente se apresenta um debate sobre um tema focado no capítulo e até mesmo em Outras linguagens, onde se trabalha com textos de diferentes tipos, era geralmente onde encontrávamos espaço para não fugir do livro e ao mesmo tempo por em prática nosso trabalho.

Diante dos pressupostos mencionados e pelas experiências que vivenciamos, observamos que o livro didático pode mostrar-se como um instrumento eficiente, mas que cabe ao professor o seu papel de mediador insubstituível dentro do processo de ensino-aprendizagem. A sua ineficiência fica por conta do mau aproveitamento que o professor faz deste material. Pois segundo Senna (2001, p.55)

a prática pedagógica do ensino de língua portuguesa, que deve ser entendida como prática política, será realmente libertadora quando extrapolar os limites da comunicação, do discurso pedagógico oficial e privilegiar a busca da informação, predispondo professores e alunos a uma luta constante contra a alienação.

Não adianta para nossa prática ter um discurso e executar outro plano. Se temos voz e somos os responsáveis pela execução do livro didático na sala, cabe a nós, enquanto educadores, acrescentar e/ou modificar o que se fizer conveniente. Somente desse modo tivemos o respaldo da comunidade escolar, que após vê em prática nosso trabalho, começou a perceber a seriedade e utilidade do mesmo para o cotidiano bem como para a valorização de um patrimônio cultural nosso: a literatura de cordel.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa dissertação analisamos o Projeto Político Pedagógico (PPP) da Escola Estadual Professor Lourenço Gurgel de Oliveira, a coleção Português – Projeto Teláris da Editora Ática, bem como um questionário aplicado aos alunos do Ensino Fundamental II (6º, 7º, 8º, 9º anos do turno Matutino) da referida escola; a fim de se verificar como a literatura de cordel tem sido abordada (pelos dois primeiros) e captada pelos alunos das turmas citadas.

O enfoque dado aos documentos acima citados foi nossa base, para em seguida se verificar se havia algum procedimento pedagógico utilizado no trabalho com a literatura de cordel, a fim de posteriormente, se fazer uma produção de material didático para ser utilizado como ferramenta nas aulas de Língua Portuguesa.

Vimos, a partir do projeto político pedagógico (PPP), que embora esse sendo descrito como um documento responsável por “toda a caminhada que uma escola deve percorrer”, ou seja, mesmo devendo ser a base que norteia o bom funcionamento do fazer pedagógico na escola, o PPP, em momento algum, descreve explicitamente atividades a serem desenvolvidas com a utilização da literatura de cordel.

Percebemos dessa forma, uma contradição entre o que se diz no documento e o que realmente é colocado em prática na escola, porque se a vemos, como *locus* da aprendizagem, como um lugar privilegiado para os sujeitos sociais participarem dela e nela atuarem no sentido de adquirirem e construírem conhecimentos para o mundo do trabalho e para a formação cidadã, o seu objetivo principal será o de possibilitar ao sujeito-aprendiz a autonomia intelectual e o pensamento crítico. Essa sendo uma instituição social responsável para desenvolver conhecimento de forma sistemática e sistematizada, cabe assim, aos educadores que nela atuam, diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz.

Frente a essa realidade, a escola precisa adaptar-se aos avanços técnico-estruturais que vem ocorrendo em quase todos os campos. Esses avanços criaram um novo panorama para o sujeito histórico e social e possibilitaram a comunicação instantânea de qualquer acontecimento para qualquer pessoa em qualquer recanto da Terra. Diante dessa realidade, a escola assume o papel de contribuir ainda mais para que o aluno adquira os novos saberes necessários para garantir a sua participação nas diferentes esferas sociais cada vez mais amplas. Mendonça (2003, pág.12) nos adverte:

(...) já que a definição de saberes e competências necessários e valorizados pela sociedade e pela escola é historicamente situada. Não é à toa que a mera capacidade de decifrar textos simples e curtos não mais garante o acesso ao mundo do trabalho atualmente, que, em nossa sociedade letrada exige outras competências.

Na complexidade do mundo atual, o papel social da instituição educacional se torna fundamental, cabendo ao/à professor/a reavaliar posturas e valores éticos e práticas pedagógicas, inserindo atividades lúdicas ao processo de alfabetização, trabalhando a sensibilização e afetividade na construção da autoestima, proporcionando, assim, ao/à estudante a sua inserção na sociedade letrada e no mundo do trabalho. Assim sendo, e em virtude de que o PPP da escola já deveria ter sido refeito, uma vez que este é de 2011, propomos para a sua (re) elaboração, a implementação da literatura de cordel, como suporte para as aulas de Língua Portuguesa, a fim de que a mesma seja explorada em algumas de suas diversas dimensões de construção de sentido ou no tocante ao desenvolvimento pelo gosto literário; ou ainda no que se refere ao processo de contribuição para que a educação escolar desenvolva com competência o processo de letramento literário.

No que se refere ao livro didático, sabemos que, no espaço escolar, uma das ferramentas pedagógicas mais importantes é o livro didático, que, além de prestar suporte ao trabalho do professor e ao estudo e pesquisa dos educandos, revela a orientação pedagógica vigente no mercado editorial voltado para o ensino, assim como a perspectiva oficial, já que os livros didáticos passam pela avaliação dos órgãos governamentais que regem a Educação, antes de chegarem aos bancos escolares.

Assim sendo, durante a execução de nosso trabalho, tivemos de mudar um pouco a nossa visão com relação ao livro didático. Se antes era visto como um vilão, pois a sociedade já o elegeu como mais importante até que o próprio professor; no decorrer da nossa proposta de trabalho, passou a ser visto como um aliado (espécie de suporte, não mais que isso), no qual, a partir dos espaços que ele proporcionava, as lacunas iam sendo preenchidas pelo nosso projeto.

Desse modo o nosso trabalho foi posto em prática. Sempre que encontrávamos uma lacuna deixada pelo livro didático, que muitas vezes prioriza situações distantes das

vividas no cotidiano de nossos alunos, íamos preenchendo com a literatura de cordel. Desse modo, acreditamos ter atingido nossos objetivos de refletir sobre literatura e ensino postos em prática no cotidiano das escolas, observando o que há por trás das produções textuais, não só no que diz respeito ao texto em si, mas com relação às vozes que ele traz consigo; estimular a percepção das relações dialógicas existentes entre a literatura de cordel e o ensino de Língua Portuguesa na escola e fora dela; motivar os alunos a assumirem uma postura de valorização da cultura nordestina, alertando-os de que não existe uma língua certa ou errada. Visto que, após a execução do projeto, refizemos uma pergunta feita no questionário inicial “Comumente você lê cordéis?”; e dessa vez, o resultado mudou para 54% sim e 46% não (o que antes era: 36% sim e 64% não). Além disso, pudemos percebermos um maior interesse em participar das atividades em sala e até mesmo no desempenho bimestral de alguns.

O nosso estudo foi desenvolvido em três capítulos, sendo que: No I abordamos o que consta no Projeto Político Pedagógico, bem como no livro didático coleção Português – Projeto Teláris da Editora Ática, sobre o ensino da Literatura de Cordel para as séries do Ensino Fundamental II, anos finais. Além disso, ainda no primeiro capítulo explanamos um pouco sobre o estado da arte para situar o nosso trabalho, bem como respaldá-lo.

No Capítulo II discorremos sobre os aspectos teóricos. Aqui abordamos a Origem da Literatura de Cordel, as temáticas mais retratadas pelos autores, bem como o caminho percorrido pelo cordel: da feira (antes era o ambiente de exposição e venda do mesmo) até chegar à sala de aula. Além disso, ainda discorremos um pouco sobre para quem o cordel é indicado.

No Capítulo III mostramos os aspectos metodológicos de nosso trabalho. Primeiro situando o estudo, mostrando o contexto da pesquisa (porque foi feita); em seguida fazendo uma breve descrição da mesma (etapas para a elaboração); passando pela Constituição do *Corpus* (caderno com sugestões de atividades) até chegar ao desenho da pesquisa (local e participantes da mesma).

E no Capítulo IV apresentamos nossa proposta de trabalho com a literatura de cordel. Onde apresentamos algumas sugestões de atividades para serem desenvolvidas nas aulas de Língua Portuguesa.

Cabe ainda salientar que devemos mostrar aos alunos a importância da leitura desde a infância, visto que na formação de uma pessoa, a arte oferece interpretações de mundo

que estimulam a reflexão e o conhecimento, proporcionando experiência emocional e estética, transformando o ser.

E, de certa forma, atendemos ao poeta Arievaldo Viana (2005) que lançou um manifesto em forma de folheto de cordel “Nem matuto, nem erudito Acorda cordel na sala de aula”, convocando os professores a utilizarem a poesia popular como ferramenta nas escolas:

O cordel é um veículo
De grande penetração.
Nas camadas populares
Possui grande aceitação.
Se a métrica não quebra o pé,
Tem contribuído até
Para alfabetização.

Pois o cordel sendo usado
Para ALFABETIZAÇÃO
Deve respeito à linguagem
Corrente em nossa nação.
Não deve ensinar errado,
Nem pode ser embalado
Nas plumas da erudição

Visto dessa forma, percebemos que, a exemplo dos quadrinhos, tirinhas, charges, leitura visual e da música que, são instrumentos de colaboração usados fartamente em sala de aula, a Literatura de Cordel vem a facilitar o trabalho do professor no quesito incentivo à prática da leitura, sabido que a Língua Portuguesa deve ser trabalhada em um contexto harmônico para despertar o interesse pela leitura. Porque a poesia popular retrata e põe em questão diferentes aspectos da sociedade e pode funcionar como qualquer outra literatura, como instrumento de reflexão e deleite.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. **História de cordéis e folhetos**. Campinas: Mercado de Letras, 1999.
- ALMEIDA, Átila e SOBRINHO, José A. **Dicionário bio-bibliográfico de repentistas e poetas de bancada**. Vol. I. João Pessoa: Universitária, Campina Grande, CCT, 1978.
- AMARAL, Firmino Teixeira do. **Peleja de Cego Aderaldo com Zé Pretinho do Tucum**. Juazeiro: Edição Especial para o Grande Festival de Cultura Popular da UECE, 1992.
- ANTUNES, Irandé. **Aula de Português – encontro e interações**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- ATHAYDE, João Martins. **Entrada de Lampião em Mossoró**. Recife, 1927.
- BATISTA, Sebastião Nunes. **Antologia da literatura de cordel**. Natal: Fundação José Augusto, 1977.
- BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskav. In: _____. **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política**. Vol. 1. Traduzido por Sérgio Paulo Rovagnet. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1993. p. 197-221.
- BORDA. Orlando Fals e outros. **Causa popular. Ciência popular. Uma metodologia do conhecimento científico através de ação**. Publicação de laRosca: Bogotá, 1972.
- BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- CASCUDO, Luis da Câmara. **Cinco livros do povo**. 2ª Ed. João Pessoa: Universitária, 1979.
- CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. **Origem da Literatura de Cordel e a sua Expressão de Cultura nas Letras de Nosso País**. 1ª edição 1984. p.1.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 1. ed. 3. reimpr. São Paulo: Contexto, 2009.
- DANTAS Janduhi. **Lições de Gramática em versos de cordel**. 4ª edição. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012.
- DELORS. J. (et.alli). **Educação um tesouro a descobrir**. Relatório para a UNESCO – Comissão internacional sobre a Educação para o século XXI. 2ª ed. Brasília: Cortez Editora, 1999.
- GÉRARD, F-M; ROEGIERS, X. **Como conceber e avaliar manuais escolares**. Portugal: Porto Codex: Porto, 1998.

GIL Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

LEAL, Altair. **Luiz Gonzaga (Biografia em cordel)**. 1ª edição. Paulista – PE: Pantera Cordelaria, 2009.

MARINHO, Ana Cristina/ PINHEIRO Hélder. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2012. – (Coleção Trabalhando com...na escola)

MEDEIROS, Irani. **No reino da poesia sertaneja**. João Pessoa: Editora Universitária, 2002.

MEDEIROS, Walter. **A peleja do cordel de feira com a Internet**. In: <http://paginas.terra.com.br/arte/cordel> em:

MENDONÇA, M. “**Formação do professor e letramento escolar: projetos temáticos e gêneros textuais**”. Anais do XIV COLE, no prelo, 2003.

MOURA, Paulo. **Bullying – Diga não ao preconceito!** 1ª edição. Recife, 2011.

RÉGIS, Sônia. **Literatura e conhecimento**. In: _____. **Aproximações: ensaios sobre literatura**. São Paulo, dezembro de 2007.

SENNA, Odenildo. **Palavra, poder e ensino da língua**. Manaus: Valer, 2001.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. São Paulo: Cortez, 1985.

VIANA, Arievaldo. **Acorda cordel na sala de aula**. Mossoró: Editora Queima-Bucha, 2010.

_____. **Literatura de Cordel e Escola**. Tv Escola (MEC), 2008

YUNES, E. (coord.). **A leitura e a formação do leitor: questões culturais e pedagógicas**. Rio de Janeiro: Antares, 1997.

(<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage>).

(<http://mundocordel.blogspot.com.br/2011/02/cordel-na-internet.html>)

ANEXOS



QUESTIONÁRIO

1 - Você gosta de ler? Justifique.

2. Comumente você lê cordéis? () SIM () NÃO

Em caso afirmativo, identifique a(s) temática(s) com os quais você tem mais contato.

() Temas educativos ou de esclarecimento público

() Bibliografias

() História do ciclo do cangaço

() Desafios e pelejas entre grandes violeiros

() Romances

() Outro(s). Especifique: _____

3. Você tem familiaridade com a literatura de cordel? Em caso afirmativo, diga em que situação (ões) você teve/ tem contato com esse tipo de literatura?

4. O livro didático costuma explorar o texto com o cordel? Você considera este tipo de atividade importante? Por quê?



Produção de texto

Prof.(a), esta é uma atividade de retextualização: termo empregado para denominar ações linguísticas como "repassar a alguém o que nos foi informado por outrém", dizer de outra forma, ou em outra modalidade ou gênero o que foi dito ou escrito por alguém, conforme Luiz Antonio Marcuschi, Da fala para a escrita: atividades de retextualização, 8. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

Reescrita da narrativa em verso para a narrativa em prosa

- Leia com atenção o conto em versos "Severino" para reescrevê-lo em

Severino

Severino é o mais rico
Dentre o povo de Urupemba
Mas antes passava fome
A todos, fazia pena

Um dia arrumou emprego
Pra cavar poço profundo:
"Meu trabalho é ser tatu
Para isso estou no mundo"

Seu companheiro de lida
Era Tetéu cacimbeiro
O homem que adivinhava
Onde furar primeiro

Seu Tetéu se concentrava
E Severino cavava
Da cacimba, garantida
A água nunca faltava

Um dia Tetéu lhe disse:
"Amigo, encontrei um tesouro
Uma botija enterrada
Cheia de prata e de ouro"

Mostrou o ponto da bota
E Severino cavou
E com a botija encontrada
A sua vida mudou

Tetéu, o seu companheiro
Chorou de felicidade
Severino quis lhe dar
Uma vida de verdade



A peleja do cordel de feira com a internet

(Walter Medeiros)

Vou lhe contar, cidadão,
Uma história bem brejeira
Que começou numa feira
Pelas bandas do sertão
E de forma bem ligeira
Chegou à terra inteira
Causando admiração.

Severino Rio Grande
Fazia muito cordel
Falava até de bordel
Assim a arte se expande
De soldado, coronel,
Matuto, arranha-céu,
Falava até de Gandhi.

Com ele não tinha manha,
Sofria mas agüentava,
Sabia que a dor passava,
Pois foi até na Alemanha
Com tudo ele rimava
E o povo se admirava
É um homem de façanha

Seus cordéis ele vendia
Numa feira bem pequena
Era sempre a mesma cena
Com risada e cantoria

Com risada e cantoria
Desde o tempo da galena
Era uma mensagem plena
De amor e alegria

Com uns tipos manuais
Muitos impressos fazia
E assim ele vivia
Querendo um mundo de paz
Mas ninguém compreendia
Quando dizia que um dia
Ia sair nos jornais.

Pois aquele cordelista
Danou-se pra capital
Foi morar no areal
Ali bem perto da pista
Sua cidade natal
Soube um dia, afinal,
Que se tornou jornalista

Mexendo com linotipo
Telex e off set
No fax pintou o sete
Sem falar no teletipo
Fazia até enquête
Só não comia gilete

Pois não achava bonito.

Mas com aquele seu dom
Muita coisa ele fazia
Sempre tinha uma poesia
Recitada em bom tom
Tinha saudade da tia
e qualquer hora do dia
escutavaacordeon

Os anos foram passando
o tempo não vai pra trás
e aquele nosso rapaz
ia se adaptando
a tudo que a vida traz
nada nunca é demais
e foi se modernizando

A maquininha Olivetti
Que usou anos seguidos
Inda tinha nos ouvidos
Qual serpentina e confetti
Mas a marca dos sabidos
Que ganhou novos sentidos
Agora era a internet.

Nem mesmo questionou
A nova moda lançada
E de forma enviesada
Seus cordéis lá colocou
Foi uma festa danada
A homepage lançada
Que ao mundo lhe levou

Pois agora na internet
O cordel vai mais distante
Basta somente um instante
E a história se repete
São Gonçalo do Amarante
Paris, Itu, num berrante
Todo mundo se derrete

Sempre aparece questão
Sobre esse novo meio
Mas é somente esperneio
De gente falando em vão
Basta fazer um passeio
Sem cavalo e sem reio

Para entender o bordão.

Quando veio pra cidade
Severino não deixou
Na terra que lhe criou
A sua habilidade
Foi com ele e ele usou
O dom que Deus lhe legou
Pra sua felicidade.

Se é por falta de cordel
Pra seus versos pendurar
Confesso que vou mandar
Desenhar assim ao leu
Depois vou fotografar
E no site publicar
Ao lado do meu farnel.

Do jeito que alguém fala
Do cordel que foi pra web
Com certeza não concebe
Algo que chegou à sala
Do pequenino casebre
Que não pode criar lebre
Mas tem um micro na mala

Por que o computador
Pode chegar ao sertão
E na internet não
Tem lugar pra rimador?
É uma aberração
Grande discriminação
Que ele não tolerou.

Acho que dei o recado
Quem quiser diga o contrário
Pois em todo abecedário
Tem alguém inconformado
E nesse rimar diário
Quero o futuro no páreo
Mas não esqueço o passado.